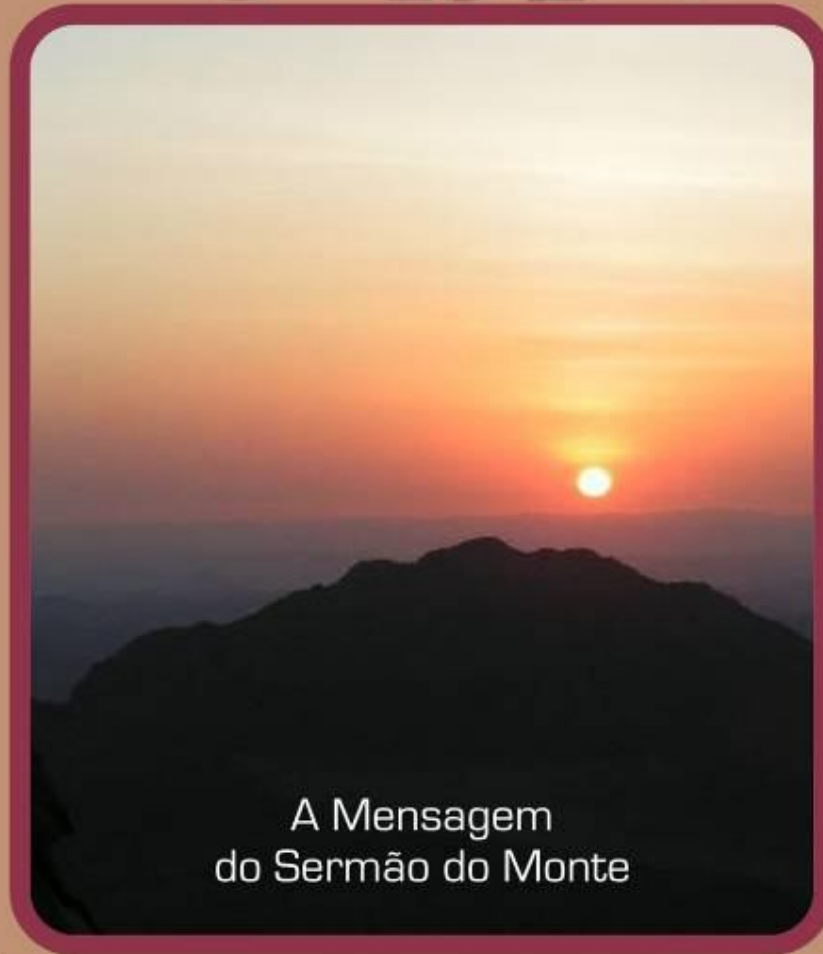


A BÍBLIA  
FALA HOJE

**JOHN R. W. STOTT**

# CONTRACULTURA CRISTÃ



A Mensagem  
do Sermão do Monte

abu

A Bíblia fala hoje



*Editores da série:* J. A. Motyer (AT)  
John R.W.Stott (NT)

**Contracultura cristã**  
A mensagem do Sermão do Monte

# CONTRACULTURA CRISTÃ



A mensagem do Sermão do Monte

**John R. W. Stott**

*Reitor emérito de All Souls' Church, Londres*

**ABU Editora**

## CONTRA CULTURA CRISTÃ

Traduzido do original em inglês  
CHRISTIAN COUNTER-CULTURE  
Inter-Varsity Press, Inglaterra  
©John R.W. Stott, 1978

Direitos reservados pela

ABU Editora S/C  
C. Postal 30505  
01000 — S. Paulo — SP — Brasil.

A ABU Editora é a publicadora da Aliança Bíblica Universitária do Brasil —A.B.U.B.

Tradução de Yolanda M. Krievin

O texto bíblico utilizado neste livro é o da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil, exceto quando outra versão é indicada.

**1ª Edição —1981**

Digitalizado, revisado e formatado por:

Fabricio Valadão Batistoni

[www.portaldetonando.com.br/forumnovo/](http://www.portaldetonando.com.br/forumnovo/)

## Prefácio Geral



*A Bíblia Fala Hoje* constitui uma série de exposições, tanto do Velho como do Novo Testamento,

caracterizadas por um triplo objetivo: exposição acurada do texto bíblico, relacionar o texto com a vida contemporânea, e leitura agradável.



Esses livros não são, pois, "comentários", já que um comentário busca mais elucidar o texto do que aplicá-lo, e tende a ser uma obra mais de referência do que literária. Por outro lado, esta série também não apresenta aquele tipo de "sermões" que, pretendendo ser contemporâneos e de leitura acessível, deixam de abordar a Escritura com suficiente seriedade.

As pessoas que contribuíram nesta série unem-se na convicção de que Deus ainda fala através do que ele já falou, e que nada é mais necessário para a vida, para o crescimento e para a saúde das igrejas ou dos cristãos do que ouvir e atentar ao que o Espírito lhes diz através da sua velha (e contudo sempre atual) Palavra.

J. A. MOTYER J. R. W. STOTT *Editores da série*

## Conteúdo

Prefácio Geral .....	3
Prefácio do Autor .....	5
Principais Abreviações e Bibliografia .....	6
Mateus 5:1, 2 Introdução: Que sermão é este?.....	7
Mateus 5:3-12 O caráter do cristão: as bem-aventuranças.....	14
Mateus 5:13-16 Á influência do cristão: o sal e a luz.....	27
Mateus 5:17-20 A justiça do cristão: Cristo, o cristão e a lei.....	33
Mateus 5:21-30 A justiça do cristão: esquivando-se à cólera e à concupiscência.....	39
Mateus 5:31-37 A justiça do cristão: fidelidade no casamento e honestidade nas palavras.....	43
Mateus 5:38-48 A justiça do cristão: não-vingança e amor ativo.....	48
Mateus 6:1-6, 16-18 A religião do cristão: não hipócrita, mas real.....	58
Mateus 6:7-15 O oração do cristão: não mecânica, mas refletida.....	66
Mateus 6:19-34 A ambição do cristão: não a segurança material, mas a direção de Deus.....	70
Mateus 7:1-12 Os relacionamentos do cristão: com os seus irmãos e com o seu Pai.....	80
Mateus 7:13-20 Os relacionamentos do cristão: os falsos profetas.....	89
Mateus 7:21-27 O compromisso cristão: uma escolha radical.....	95
MATEUS 7:28, 29 Conclusão: quem é esse pregador?.....	98

## Prefácio do Autor

O Sermão do Monte exerce um fascínio sem par. Ele parece encerrar a essência do ensino de Jesus. Ele torna a justiça atrativa; envergonha o nosso fraco desempenho; gera sonhos de um mundo melhor.

É como expressou John Donne, num sermão pregado na quaresma de 1629, não sem uma pequena mas perdoável hipérbole: "Todos os artigos de nossa religião, todos os cânones de nossa igreja, todas as injunções de nossos príncipes, todas as homílias de nossos pais, todo o corpo de doutrinas estão contidos nestes três capítulos, neste Sermão do Monte."<sup>1</sup>

Devo confessar que me rendi ao seu fascínio, ou antes ao fascínio daquele que o pregou. Durante os últimos sete anos, pelo menos, tenho constantemente meditado nele. Em conseqüência, minha mente tem se debatido com os seus problemas, e o meu coração se abrasou pela nobreza dos seus ideais. Durante esse período, tentei compartilhar meus pensamentos e meu entusiasmo com estudantes da Universidade de Cambridge, com outros grupos de estudantes nos Estados Unidos e no Canadá, com a congregação da Igreja de All Souls, e com aquelas centenas de peregrinos de todo o mundo, na Convenção de Keswick, em 1972.

É claro que sobre o Sermão do Monte já se escreveram centenas de comentários. Eu mesmo pude estudar cerca de vinte e cinco deles, e o leitor irá notar minha dívida para com eles. De fato, meu texto está liberalmente salpicado de citações desses comentários, pois penso que devemos valorizar a tradição muito mais do que freqüentemente o fazemos, e que devemos assentar-nos mais humildemente aos pés dos mestres.

Meu propósito com esta exposição foi atentar cuidadosamente para o texto. Acima de tudo, o meu propósito foi deixar o próprio texto falar, ou melhor, deixar Cristo proferi-lo novamente, desta vez ao mundo contemporâneo. Assim, procurei encarar com integridade os dilemas que o Sermão levanta para os cristãos de hoje, e não esquivar-me deles, já que Cristo não nos deu um tratado acadêmico, calculado simplesmente para estimular a mente. Creio que ele desejava que o seu Sermão do Monte fosse obedecido. De fato, se a Igreja tivesse aceitado realisticamente os seus padrões e valores, como aqui demonstrados, e tivesse vivido segundo eles, ela teria sido a sociedade alternativa que sempre tencionou ser, e poderia oferecer ao mundo uma autêntica contracultura cristã.

Sou extremamente grato a John Maile, professor de Novo Testamento na Faculdade Spurgeon, em Londres, pela leitura do manuscrito e por várias proveitosas sugestões. Da mesma forma devo agradecimentos a Frances Whitehead e Vivienne Curry pela datilografia do texto.

JOHN R. W. STOTT

---

<sup>1</sup> Citado por McArthur, p. 12.

## Principais Abreviações e Bibliografia

<b>AG</b>	<i>A Greek-English Lexicon of the New Testament and other early Christian literature</i> de William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich (University of Chicago Press e Cambridge University Press, 1957)
<b>Allen</b>	<i>A critical and exegetical commentary on the Gospel according to St Matthew</i> de W. C. Allen ( <i>International Critical Commentary</i> , 1907; T. and T. Clark, terceira edição, 1912).
<b>Antiquities</b>	<i>The Antiquities of the Jews em The Works of Flavius Josephus</i> , c. 75-95 d.C, traduzido por William Whiston (Londres, sem data).
<b>Agostinho</b>	<i>Our Lord's Sermon on the Mount</i> , uma exposição feita por Agostinho de Hippo. Início do século cinco d.C. Tradução de William Findlay na série <i>Library of Nicene and Post-Nicene Fathers</i> , vol. VI, editada por Philip Schaff, 1887. (Eerdmans, 1974.)
<b>BLH</b>	<i>A Bíblia na Linguagem de Hoje</i> (Sociedade Bíblica do Brasil).
<b>Bonhoeffer</b>	<i>Discipulado</i> de Dietrich Bonhoeffer (Sinodal, 1980).
<b>Bruce</b>	<i>Commentary on the Synoptic Gospels</i> de A. B. Bruce, na série <i>The Expositor's Greek Testament</i> , editada por W. Robertson Nicholl (Hodder, 1897).
<b>Calvino</b>	<i>Commentary on a Harmony of the Evangelists, Matthew, Mark and Luke, I</i> , de João Calvino (1558: traduzido por William Pringle, 1845: Eerdmans, sem data)
<b>Crisóstomo</b>	<i>Homilies on the Gospel of St Matthew, Part I</i> , de João Crisóstomo (sem data: traduzido por George Prevost, Oxford, 1843).
<b>Daube</b>	<i>The New Testament and Rabbinic Judaism</i> de David Daube (University of London, Athlone Press, 1956).
<b>Davies</b>	<i>The Setting of the Sermon on the Mount</i> de W. D. Davies (Cambridge University Press, 1964).
<b>ERAB</b>	Edição Revista e Atualizada no Brasil (Sociedade Bíblica do Brasil).
<b>ERC</b>	Edição Revista e Corrigida (Imprensa Bíblica Brasileira).
<b>Glover</b>	<i>A Teacher's Commentary on the Gospel of St Matthew</i> de Richard Glover (Marshall, Morgan and Scott, 1956).
<b>Homilies</b>	<i>The Second Book of Homilies (1571)</i> na série <i>Homilies and Canons</i> (SPCK, 1914),
<b>Hunter</b>	<i>Design for Life: an Exposition of the Sermon on the Mount</i> de A. M. Hunter (SCM, 195,3; edição revisada 1965).
<b>BJ</b>	<i>A Bíblia de Jerusalém</i> (Edições Paulinas).
<b>Jeremias</b>	<i>The Sermon on the Mount</i> de Joachim Jeremias (University of London, Athlone Press, 1961).
<b>Lenski</b>	<i>The Interpretation of St Matthew's Gospel</i> de R. C. H. Lenski (1943: Augsburg, 1964).
<b>Lloyd-Jones</b>	<i>Studies in the Sermon on the Mount</i> de D. Martyn Lloyd-Jones (IVP: vol. I, 1959, vol. II, 1960. As referências dadas referem-se à edição conjunta, 1977).
<b>Lutero</b>	<i>The Sermon on the Mount</i> de Martinho Lutero (1521: traduzido por Jaroslav Pelikan: vol 21 de <i>Luther's Works</i> , Concórdia, 1956)
<b>McArthur</b>	<i>Understanding the Sermon on the Mount</i> de McArthur (Harper, 1960; Epworth, 1961).
<b>McNeile</b>	<i>The Gospel according to St Matthew: the Greek text with introduction, notes and indexes</i> de A. H. McNeile (1915: Macmillan, 1965).
<b>NTV</b>	<i>O Novo Testamento Vivo</i> (Mundo Cristão).
<b>Plummer</b>	<i>An exegetical commentary on the Gospel according to St Matthew</i> de Alfred Plummer (Alliot Stock, 1910).
<b>Ryle</b>	<i>Expository Thoughts on the Gospels</i> de J. C. Ryle (1856: edição de aniversário de <i>Matthew and Mark</i> , Zondervan).
<b>Spurgeon</b>	<i>The Gospel of the Kingdom</i> de C. H. Spurgeon (Passmore and Alabaster, 1893).
<b>Stier</b>	<i>The Words of the Lord Jesus, I</i> , de Rudolf Stier, traduzido por William B. Pope, 1855 (T. & T. Clark, 1874).
<b>Stonehouse</b>	<i>The Witness of Matthew and Mark to Christ</i> de N. B. Stonehouse (Tyndale Press, 1944; segunda edição 1958).
<b>Tasker</b>	<i>Evangelho Segundo Mateus</i> de R. V. G. Tasker (Vida Nova e Mundo Cristão, 1980).
<b>Thielicke</b>	<i>Life can begin again: sermons on the Sermon on the Mount</i> de Helmut Thielicke (1956: traduzido por John W. Doberstein, Fortress, 1963).
<b>Tolstoy</b>	<i>A Confession, The Gospel in Brief e What I Believe</i> de Leo Tolstoy (1882-1884: traduzido por Aylmer Maude na série <i>World's Classics</i> , n? 229; Oxford University Press, edição nova 1940)
<b>War</b>	<i>The Jewish War em The Works of Flavius Josephus</i> , c. 75-95 d.C, traduzido por William Whiston (London, sem data).
<b>Windisch</b>	<i>The Meaning of the Sermon on the Mount</i> de Hans Windisch (1929: segunda edição 1937: tradução em inglês, Westminster, 1941).

## Mateus 5:1, 2

### Introdução: Que sermão é este?



O Sermão do Monte é provavelmente a parte mais conhecida dos ensinamentos de Jesus, embora se possa argumentar que seja a menos compreendida e, certamente, a menos obedecida. De tudo o que ele disse, essas suas palavras são as que mais se aproximam de um manifesto, pois descrevem o que ele desejava que os seus seguidores fossem e fizessem. Penso que nenhuma outra expressão resume melhor a intenção de Jesus, ou indica mais claramente o seu desafio para o mundo moderno, do que a expressão "contracultura cristã". Vou lhes dizer por quê.

Os anos que se seguiram ao fim da segunda guerra mundial, em 1945, foram marcados por um idealismo inocente. O horrível pesadelo terminara. "Reconstrução" era o alvo universal. Seis anos de destruição e devastação eram coisas do passado; a tarefa agora era construir um novo mundo de cooperação e paz. Mas a irmã gêmea do idealismo é a desilusão, desilusão com aqueles que não participam do ideal, ou (pior) com os que se lhe opõem, ou (pior ainda) com os que o traem. E a desilusão com o que *é* continua alimentando o idealismo do que *poderia ser*.

Parece que atravessamos décadas de desilusão. Cada geração que se levanta odeia o mundo que herdou. Às vezes, a reação tem sido ingênua, embora não possamos dizer que tenha sido hipócrita. Os horrores do Vietnã não terminaram com aqueles que distribuíam flores e rabiscavam o seu lema "Faça amor, não faça guerra", embora o seu protesto não tenha passado despercebido. Hoje em dia, há pessoas que repudiam a opulência ávida do ocidente, que parece ficar cada vez mais gordo, através do esbulho do meio-ambiente natural, ou através da exploração de nações em desenvolvimento, ou através de ambas as coisas ao mesmo tempo; essas pessoas exprimem a totalidade da sua rejeição vivendo com simplicidade, vestindo-se negligentemente, andando descalças e evitando o desperdício. Em lugar do simulacro da socialização burguesa, estão famintas de relacionamentos de amor autênticos. Desprezam a superficialidade, tanto do materialismo descrente como do conformismo religioso, pois sentem que há uma "realidade" impressionante muito maior do que essas trivialidades, e buscam essa dimensão "transcendental" ilusória através da meditação, de drogas ou do sexo. Abominam até o próprio conceito do corre-corre da sociedade de consumo e acham que é mais honesto "cair fora" do que participar. Tudo isso é sintoma da incapacidade da geração mais jovem de adaptar-se ao *status quo* ou de aclimatar-se à cultura prevalecente. Não se sentem à vontade. Estão alienados.

E em sua busca de uma alternativa, "contracultura" é a palavra que usam. Ela expressa um amplo raio de ação de idéias ou ideais, experiências e alvos. Encontramos uma boa documentação a esse respeito em *The Making of a Counter-culture* (A Criação de uma Contracultura, 1969) de Theodore Roszak; em *The Dust of Death* (A Poeira da Morte, 1973) de Os Guinness, e em *Youthquake* (Terremoto Jovem, 1973) de Kenneth Leech.

De um certo modo, os cristãos consideram esta busca de uma cultura alternativa um dos mais promissores, e até mesmo excitantes, sinais dos tempos. Pois reconhecemos nisso a atividade do Espírito, o qual, antes de confortar, perturba; e sabemos a quem a busca deles conduzirá, se quiserem encontrar a resposta. Na verdade, é significativo que Theodore Roszak, encontrando dificuldade para expressar a realidade que a juventude contemporânea procura, alienada como está pela insistência dos cientistas quanto à "objetividade", sente-se obrigado a recorrer às palavras de Jesus: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?"<sup>2</sup>

Mas, ao lado da esperança que esta disposição de protesto e busca inspira aos cristãos, há também (ou deveria haver) um sentimento de vergonha. Pois, se a juventude de hoje está à procura das coisas certas (significado, paz, amor, realidade), ela as tem procurado nos lugares errados. O primeiro lugar onde deveriam procurar é um lugar que normalmente ignoram, isto é, a Igreja. Pois, com demasiada freqüência, o que vêem nas igrejas não é a contracultura, mas o conformismo; não uma nova sociedade que concretiza seus ideais, mas uma versão da velha sociedade a que renunciaram; não a vida, mas a morte. Prontamente endossariam o que Jesus disse de uma igreja do primeiro século: "Tens nome de que vives, e estás morto".<sup>3</sup>

Urge que não somente vejamos, mas também sintamos, a grandeza dessa tragédia, pois, na medida em que uma igreja se conforme com o mundo, e as duas comunidades pareçam ser meramente duas versões da mesma coisa, essa igreja está contradizendo a sua verdadeira identidade. Nenhum comentário poderia ser

---

<sup>2</sup> *The Making of a Counter-Culture*, Anchor Books, Doubleday, 1969, p. 233.

<sup>3</sup> Ap3:1.

mais prejudicial para o cristão do que as palavras: "Mas você não é diferente das outras pessoas!"

O tema essencial de toda a Bíblia, desde o começo até o fim, é que o propósito histórico de Deus é chamar um povo para si mesmo; que este povo é um povo "santo", separado do mundo para lhe pertencer e obedecer; e que a sua vocação é permanecer fiel à sua identidade, isto é, ser "santo" ou "diferente" em todo o seu pensamento e em todo o seu comportamento.

Foi assim que Deus falou ao povo de Israel logo depois que o tirou da escravidão egípcia e fez dele o seu povo especial através da aliança: "Eu sou o Senhor vosso Deus. Não fareis segundo as obras da terra do Egito, em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã, para a qual eu vos levo, nem andareis nos seus estatutos. Fareis segundo os meus juízos, e os meus estatutos guardareis, para andardes neles: Eu sou o Senhor vosso Deus."<sup>4</sup> Este apelo que Deus fez a seu povo, é preciso notar, tanto começou como terminou com a declaração de que ele era o Senhor seu Deus. Pelo fato de ser o seu Deus, com quem eles firmaram um pacto, e porque eles constituíam o seu povo especial, tinham de ser diferentes de quaisquer outras pessoas. Tinham de seguir os mandamentos de Deus e não os padrões daqueles que os cercavam.

Através dos séculos seguintes, o povo de Israel continuou se esquecendo da sua singularidade como povo de Deus. Embora nas palavras de Balaão fosse "povo que habita só, e (que) não será reputado entre as nações", na prática, entretanto, eles continuaram assimilando-se aos povos que os rodeavam: "Antes se mesclaram com as nações, e lhes aprenderam as obras".<sup>5</sup> Por isso exigiram que um rei os governasse "como todas as nações", e quando Samuel os advertiu com base no fato de ser Deus o rei deles, foram obstinados em sua insistência: "Não, mas teremos um rei sobre nós. Para que sejamos também como todas as nações."<sup>6</sup> Pior ainda do que o estabelecimento da monarquia foi a sua idolatria. "Seremos como as nações", diziam para si mesmos, ". . . servindo ao pau e à pedra."<sup>7</sup> Por isso Deus continuou lhes enviando os seus profetas para que lembrassem quem eram e para insistir com eles a seguirem o caminho de Deus. "Não aprendais o caminho dos gentios", falou-lhes através de Jeremias e Ezequiel, "não vos contamineis com os ídolos do Egito; eu sou o Senhor vosso Deus."<sup>8</sup> Mas o povo de Deus não queria ouvir-lhe a voz, e o motivo específico apresentado, pelo qual o juízo de Deus caiu primeiro sobre Israel e, depois, cerca de 150 anos mais tarde, sobre Judá, foi o mesmo: "Os filhos de Israel pecaram contra o Senhor seu Deus . . . andaram nos estatutos das nações . . . Também Judá não guardou os mandamentos do Senhor seu Deus; antes, andaram nos costumes que Israel introduziu."<sup>9</sup>

Tudo isso constitui um cenário essencial para se compreender o Sermão do Monte. O Sermão encontra-se no Evangelho de Mateus, logo no começo do ministério público de Jesus. Imediatamente após o seu batismo e tentação, Cristo começou a anunciar as boas novas de que o reino de Deus, há muito prometido no período do Velho Testamento, estava agora às portas. Ele mesmo viera para inaugurá-lo. Com ele nascia a nova era e o reinado de Deus irrompia na História. "Arrependei-vos", clamava, "porque está próximo o reino dos céus."<sup>10</sup> Na verdade, "percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino" (v. 23). O Sermão do Monte, então, deve ser visto neste contexto. Descreve o arrependimento (*metanóia*, a total transformação da mente) e a retidão, que fazem parte do reino; isto é, descreve como ficam a vida e a comunidade humana quando se colocam sob o governo da graça de Deus.

E como é que ficam? Tornam-se diferentes! Jesus enfatizou que os seus verdadeiros discípulos, os cidadãos do reino de Deus, tinham de ser inteiramente diferentes. Não deveriam tomar como padrão de conduta as pessoas que os cercavam, mas sim Deus, e assim provar serem filhos genuínos do seu Pai celestial. Para mim, o texto-chave do Sermão do Monte é 6:8: "Não vos assemelheis, pois, a eles." Imediatamente nos faz lembrar a palavra de Deus a Israel, na antigüidade: "Não fareis como eles."<sup>11</sup> É o mesmo convite para serem diferentes. E este tema foi desenvolvido através de todo o Sermão do Monte. O caráter deles teria de ser completamente diferente daquele que era admirado pelo mundo (as bem-aventuranças). Deveriam brilhar como luzes nas trevas reinantes. A justiça deles teria de exceder à dos escribas e fariseus, tanto no comportamento ético quanto na devoção religiosa, enquanto que o seu amor deveria ser maior, e a sua ambição mais nobre do que a dos pagãos vizinhos.

Não há um parágrafo no Sermão do Monte em que não se trace este contraste entre o padrão cristão e o não-cristão. É o tema subjacente e unificador do Sermão; tudo o mais é uma variação dele. Às vezes, Jesus

<sup>4</sup> Lv 18:1-4.

<sup>5</sup> Nm 23:9; Sl 106:35.

<sup>6</sup> 1Sm 8:5, 19, 20.

<sup>7</sup> Ez 20:32.

<sup>8</sup> Jr 10:1, 2; Ez 20:7.

<sup>9</sup> 2Rs 17:7, 8, 19; cf. Ez 5:7; 11:12.

<sup>10</sup> Mt 4:17.

<sup>11</sup> Lvl 8:3.



contrasta os seus discípulos com os gentios ou com as nações pagãs. Assim, os pagãos amam-se e saúdam-se uns aos outros, mas os cristãos têm de amar os seus inimigos (5:44-47); os pagãos oram segundo um modelo, com "vãs repetições", mas os cristãos devem orar com a humilde reflexão de filhos do seu Pai no céu (6:7-13); os pagãos estão preocupados com as suas próprias necessidades materiais, mas os cristãos devem buscar primeiro o reino e a justiça de Deus (6:23, 33).

Em outros pontos, Jesus contrasta os seus discípulos, não com os gentios, mas com os judeus, ou seja, não com pessoas pagãs mas com pessoas religiosas; especificamente, com os "escribas e fariseus". O Professor Jeremias, sem dúvida, está certo ao dizer que são "dois grupos de pessoas totalmente diferentes", pois "os escribas são os mestres de teologia que tiveram alguns anos de estudo; os fariseus, por outro lado, não são teólogos, mas sim grupos de leigos piedosos de todas as camadas da sociedade".<sup>12</sup> Certamente Jesus opõe a moral cristã à casuística ética dos escribas (5:21-48) e a devoção cristã à piedade hipócrita dos fariseus (6:1-18).

Assim, os discípulos de Jesus têm de ser diferentes: tanto da igreja nominal, como do mundo secular; tanto dos religiosos, como dos irreligiosos. O Sermão do Monte é o esboço mais completo, em todo o Novo Testamento, da contracultura cristã. Eis aí um sistema de valores cristãos, um padrão ético, uma devoção religiosa, uma atitude para com o dinheiro, uma ambição, um estilo de vida e uma teia de relacionamentos: tudo completamente diferente do mundo que não é cristão. E esta contracultura cristã é a vida do reino de Deus, uma vida humana realmente plena, mas vivida sob o governo divino.

Chegamos à introdução editorial dada por Mateus ao Sermão, a qual é breve mas impressionante: indica a importância que ele lhe atribuía.

*Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos, e ele passou a ensiná-los, dizendo. . . (5:1, 2)*

Não há dúvida de que o propósito principal de Jesus ao subir uma colina ou montanha para ensinar era fugir das "numerosas multidões" da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão<sup>13</sup>, que o seguiam. Ele passara os primeiros meses do seu ministério público vagando por toda a Galiléia, "ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo". Como resultado, "sua fama correu por toda a Síria", e o povo vinha em grandes multidões, trazendo os seus doentes para serem curados.<sup>14</sup> Por isso Jesus precisava fugir, não só para ter uma oportunidade de ficar sozinho e orar, mas também para dar uma instrução mais concentrada aos seus discípulos.

Além disso, parece (conforme muitos comentaristas antigos e modernos têm sugerido) que ele deliberadamente *subiu ao monte* para ensinar, a fim de traçar um paralelo entre Moisés (que recebeu a lei no Monte Sinai) e ele próprio (que então explicou aos seus discípulos as conseqüências dessa lei, no chamado "Monte das Bem-aventuranças", o local tradicional do Sermão, junto às praias ao norte do Lago da Galiléia). Pois, embora Jesus fosse maior do que Moisés, e embora a sua mensagem fosse mais evangelho do que lei, ele também escolheu doze apóstolos para formar o núcleo de um novo Israel, em correspondência aos doze patriarcas e tribos da antiguidade. Ele também proclamou ser Mestre e Senhor, deu a sua própria interpretação autorizada da lei de Moisés, enunciou mandamentos e esperou obediência. Até mesmo convidou, mais tarde, os seus discípulos a tomarem o seu "jugo", ou submeterem-se aos seus ensinamentos, assim como anteriormente carregaram o jugo do Torá.<sup>15</sup>

Alguns mestres desenvolveram esquemas muito elaborados para demonstrar este paralelo. B. W. Bacon, em 1918, por exemplo, argumentou que Mateus deliberadamente estruturou o seu Evangelho em cinco partes, cada uma terminando com a fórmula "quando Jesus acabou . . ." (7:28; 11:1; 13:53; 19:1; 26:1), a fim de que os "cinco livros de Mateus" correspondessem aos "cinco livros de Moisés" e fossem uma espécie de Pentateuco do Novo Testamento.<sup>16</sup>

Um paralelismo diferente foi sugerido por Austin Farrer, a saber, que Mateus 5-7 teve por modelo Êxodo 20-24, as oito bem-aventuranças correspondendo aos dez mandamentos, com o restante do Sermão dissertando sobre as mesmas e aplicando-as, assim como os mandamentos também foram dissertados e explicados.<sup>17</sup>

Estas tentativas engenhosas de descobrir paralelos são compreensíveis porque em muitas passagens do Novo Testamento a obra salvadora de Jesus está descrita como um novo êxodo,<sup>18</sup> e a vida cristã como uma alegre celebração disso: "Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso celebremos a

<sup>12</sup> p.23.

<sup>13</sup> 4:25.

<sup>14</sup> 4:23,24.

<sup>15</sup> Mt 11:29,30.

<sup>16</sup> A teoria de B. W. Bacon foi resumida e criticada por W. D. Davies, pp. 15-25.

<sup>17</sup> A teoria de Austin Farrer foi criticada por W. D. Davies, pp. 9-13.

<sup>18</sup> cf. Mt2:15.

feita.<sup>19</sup> Embora Mateus não compare explicitamente Jesus a Moisés, e não possamos reivindicar mais do que isso no Sermão, "a *essência* da Nova Lei, o Novo Sinai, o Novo Moisés estão presentes".<sup>20</sup>

Em todos os eventos, Jesus *assentou-se*, assumindo a posição de um rabi ou legislador, e *seus discípulos aproximaram-se dele*, para aprender dos seus ensinamentos. Então *ele passou* (uma expressão que indica a solenidade do seu pronunciamento) *a ensiná-los*.

Três perguntas básicas formam-se imediatamente na mente do leitor moderno, ao estudar o Sermão do Monte. Tal pessoa não se sentirá receptiva para com os ensinamentos desse sermão se não receber respostas satisfatórias às seguintes perguntas: Primeiro, o Sermão do Monte é um autêntico pronunciamento de Jesus? Foi realmente pregado por ele? Segundo, o seu conteúdo é relevante para o mundo contemporâneo, ou é totalmente fora de moda? Terceiro, os seus padrões são atingíveis, ou devemos esquecê-los por serem em larga escala um ideal impraticável?

## 1. O Sermão é autêntico?

O Sermão do Monte aparece só no primeiro Evangelho (Mateus). No terceiro Evangelho (Lucas) há um sermão semelhante, às vezes chamado de "o Sermão da Planície".<sup>21</sup> Lucas diz que foi pregado "numa planura" à qual Jesus "desceu" depois de retirar-se "para o monte" a fim de orar.<sup>22</sup> Mas a aparente diferença de localização não deve nos deter, pois a "planura" pode muito bem ter sido um platô sobre os montes e não uma planície ou um vale.

Uma comparação do conteúdo dos dois sermões revela imediatamente que não são idênticos. O de Lucas é consideravelmente mais curto, consistindo de apenas 30 versículos, em contraste com os 107 de Mateus, e cada um inclui matérias que estão ausentes no outro. Não obstante, há também óbvias semelhanças entre eles. Os dois sermões começam com "bem-aventuranças", terminam com a parábola dos dois construtores, e no meio contêm a regra áurea, a ordem para amar os nossos inimigos e oferecer a outra face, a proibição de julgar as pessoas, e as vivas ilustrações da trave no olho e da árvore com os seus frutos. Esta matéria comum aos dois sermões, com um começo e um final em comum, sugere que os dois são versões do mesmo sermão. Qual é, entretanto, a relação entre eles? Como explicar a combinação de semelhanças e variações?

Muitos têm negado que o Sermão do Monte tenha sido um "sermão" (qualquer que seja o sentido desta palavra) pregado por Jesus numa ocasião específica. É um aspecto bem conhecido da prática editorial do primeiro evangelista a reunião, no texto de um capítulo, de ensinamentos de Jesus que são relacionados entre si. O melhor exemplo disto é a sua série de sete parábolas de Jesus.<sup>23</sup> Há quem tenha argumentado, assim, que Mateus 5 a 7 representa uma coleção de pronunciamentos de Jesus, habilmente ligados em forma de sermão pelo evangelista, ou por uma comunidade cristã primitiva, da qual ele o teria recebido. Até Calvino acreditava nisso: "O plano desses dois evangelistas era o de reunir num só lugar os pontos principais da doutrina de Cristo que se relacionam com uma vida devota e santa."<sup>24</sup> Como resultado, o Sermão é "um pequeno resumo . . . extraído de seus muitos e variados discursos".<sup>25</sup>

Alguns comentaristas modernos foram mais francos. Bastará citar um exemplo. W. D. Davies chama o Sermão de "simplesmente uma coleção de pronunciamentos não relacionados entre si, de diversas origens, uma colcha de retalhos"; e, depois de fazer uma crítica da fonte, da forma e da liturgia neste texto, ele conclui: "Assim, o impacto da recente crítica em todas as suas formas é lançar dúvidas sobre a conveniência de procurar entender este trecho . . . como um todo inter-relacionado que se origina dos ensinamentos genuínos de Jesus."<sup>26</sup> Mais tarde, ele admite que a maré se virou para a chamada "crítica de redação", o que pelo menos concede aos próprios evangelistas o mérito de verdadeiros autores, que deram forma à tradição que preservaram. Não obstante, continua cético sobre quanto dos ensinamentos originais de Jesus está contido no Sermão do Monte.

A reação a esta espécie de crítica literária depende das pressuposições teológicas fundamentais que se tenha sobre o próprio Deus, sobre a natureza e o propósito da revelação de Deus em Cristo, sobre a obra do Espírito Santo e sobre o senso de verdade do evangelista. Pessoalmente, acho difícil aceitar qualquer ponto de vista sobre o Sermão que atribua o seu conteúdo à igreja primitiva e não a Jesus, ou que até mesmo o considere como uma amálgama de seus pronunciamentos em diversas ocasiões. A razão principal é que tanto

<sup>19</sup> 1 Co 5:7, 8.

<sup>20</sup> Davies, p. 108.

<sup>21</sup> Lc 6:17-49.

<sup>22</sup> Lc 6:12,17

<sup>23</sup> Mt 13.

<sup>24</sup> p. 258.

<sup>25</sup> p. 259.

<sup>26</sup> pp. 1,5

Mateus como Lucas apresentam essa matéria como um sermão de Cristo, e parecem pretender que seus leitores o entendam assim. Ambos lhe dão um contexto histórico e geográfico preciso, atribuindo-o ao começo do ministério de Jesus na Galiléia e declarando que ele o transmitiu "no monte" e "numa planura" sobre os montes. Mateus registra a reação de perplexidade das multidões, quando Jesus terminou de proferi-lo, destacando que foi por causa da autoridade com que ele falava.<sup>27</sup> E ambos dizem que, quando terminou, "entrou em Cafarnaum".<sup>28</sup>

Isto não significa, entretanto, que os dois evangelistas nos tenham transmitido todo o sermão *ipsissima verba*. Está claro que não o fizeram, pois, em ambos os casos, Jesus falou em aramaico, e os dois Evangelhos têm uma versão grega. Além disso, conforme já vimos, suas versões diferem uma da outra. Há diversos outros modos possíveis de explicá-lo. Assim também ambos apresentaram a sua seleção e tradução individual, de uma fonte comum ou de fontes independentes. Ou Lucas apresenta um resumo menor, omitindo grande parte, enquanto que Mateus registra mais, senão a maior parte dele; ou Mateus elabora um sermão originalmente mais curto, aumentando-o com o acréscimo de outros contextos autênticos e pronunciamentos apropriados de Jesus. Podemos ainda afirmar que o Espírito Santo orientou a seleção e o arranjo.

Quanto a mim, prefiro a sugestão que o Professor A. B. Bruce fez em seu comentário de 1897. Ele acreditava que o material contido em Mateus 5 a 7 representa a instrução "não de uma simples hora ou dia, mas de um período de retiro".<sup>29</sup> Conjeturava que Jesus poderia ter reunido consigo os discípulos no monte para uma espécie de "Acampamento de Verão". Por isso não chamava aqueles capítulos de "Sermão do Monte" (expressão usada pela primeira vez por Agostinho), mas de "Ensinaamentos do Monte".<sup>30</sup> Mais ainda, o Sermão, conforme registrado em Mateus, teria a duração de apenas cerca de dez minutos, por isso é possível que os evangelistas nos tenham dado apenas versões condensadas.

## 2. O Sermão é relevante?

Se o Sermão é ou não relevante para a vida moderna, só se pode julgar através de um detalhado exame do seu conteúdo. O que salta à vista é que, não importando como ele foi composto, forma um todo maravilhosamente coerente. Descreve o comportamento que Jesus esperava de cada um dos seus discípulos, que são também cidadãos do reino de Deus. Vemos como Jesus é em si mesmo, em seu coração, em suas motivações, em seus pensamentos, e também quando afastado, sozinho com o seu Pai. Vemo-lo na arena da vida pública, relacionando-se com o próximo, exercendo misericórdia, patrocinando a paz, sendo perseguido, agindo como sal, deixando a sua luz brilhar, amando e servindo aos outros (até mesmo aos seus inimigos), e dedicando-se acima de tudo à expansão do reino de Deus e da sua justiça no mundo.

Talvez uma rápida análise do Sermão ajude a demonstrar a sua relevância para nós, no século vinte.

### a. O caráter do cristão (5:3-12)

As bem-aventuranças enfatizam oito sinais principais da conduta e do caráter cristãos, especialmente em relação a Deus e aos homens, e as bênçãos divinas que repousam sobre aqueles que externam estes sinais.

### b. A influência do cristão (5:13-16)

As duas metáforas do sal e da luz indicam a influência que os cristãos devem exercer para o bem na comunidade se (e tão somente se) mantiverem o seu caráter distinto, conforme descrito nas bem-aventuranças.

### c. A justiça do cristão (5:17-48)

Qual deve ser a atitude do cristão para com a lei moral de Deus? Ficaria a lei propriamente dita abolida na vida cristã, como estranhamente afirmam os advogados da filosofia da "nova moralidade" e da escola dos "não-mais-sob-a-lei"? Não. Jesus não tinha vindo para abolir a lei e os profetas, disse ele, mas para cumpri-los. E mais, ele chegou a declarar que a grandeza no reino de Deus se media pela conformidade com os ensinamentos morais da lei e dos profetas, e que até mesmo entrar no reino era impossível sem uma justiça maior do que a dos escribas e fariseus (5:17-20). Jesus deu, então, seis ilustrações desta justiça cristã melhor (5:21-48), relacionando-a com o homicídio, com o adultério, com o divórcio, com o juramento, com a vingança e com o amor. Em cada antítese ("Ouvistes que foi dito ... eu, porém, vos digo . . ."), rejeitou a acomodada tradição dos escribas, reafirmou a autoridade das Escrituras do Velho Testamento e apresentou as

<sup>27</sup> 7:28,29.

<sup>28</sup> Mt8:5;Lc7:1.

<sup>29</sup> p.94.

<sup>30</sup> p.95.

decorrências plenas e exatas da lei moral de Deus.

*d. A piedade do cristão (6:1-18)*

Em sua "piedade" ou devoção religiosa, os cristãos não devem se acomodar nem com o tipo hipócrita dos fariseus, nem com o formalismo mecânico dos pagãos. A piedade cristã deve destacar-se acima de tudo pela realidade, pela sinceridade dos filhos de Deus que vivem na presença de seu Pai celestial.

*e. A ambição do cristão (6:19-34)*

O "mundanismo" do qual os cristãos devem fugir pode ter aparência religiosa ou secular. Por isso, devemos ser diferentes dos não-cristãos, não apenas em nossas devoções, mas também em nossas ambições. Cristo modifica especialmente a nossa atitude para com a riqueza e os bens materiais. É impossível adorar a Deus e ao dinheiro; temos de escolher um dos dois. As pessoas do mundo estão preocupadas com a busca do alimento, da bebida e do vestuário. Os cristãos devem ficar livres destas ansiedades materiais ego-centradas e, em lugar disso, devem dedicar-se à expansão do governo e da justiça de Deus. É o mesmo que dizer que a nossa ambição suprema deve ser a glória de Deus e não a nossa própria glória, nem mesmo o nosso próprio bem-estar material. É uma questão do que buscamos "em primeiro lugar".

*f. Os relacionamentos do cristão (7:1-20)* Os cristãos estão presos em uma complexa teia de relacionamentos, todos eles partindo do nosso relacionamento com Cristo. Quando nos relacionamos devidamente com ele, os nossos demais relacionamentos são todos afetados. Novos relacionamentos surgem, e os antigos se modificam. Assim, não devemos julgar o nosso irmão, mas servi-lo (vs. 1-5). Devemos também evitar oferecer o evangelho àqueles que decididamente o rejeitam (v. 6); devemos continuar orando ao nosso Pai celestial (vs. 7-12) e tomar cuidado com os falsos profetas, que impedem que muita gente encontre a porta estreita e o caminho difícil (vs. 13-20).

*g. Uma dedicação cristã (7:21-27)*

O último item apresentado pelo todo do Sermão relaciona-se com a autoridade do pregador. Não basta chamá-lo de "Senhor" (vs. 21-23) ou ouvir os seus ensinamentos (vs. 24-27). A questão básica é se nós somos *sinceros* no que dizemos e se *fazemos* o que ouvimos. Deste compromisso depende o nosso destino eterno. Só quem obedece a Cristo como Senhor é sábio. Pois quem assim procede está edificando a sua casa sobre o alicerce da rocha, que as tempestades da adversidade e do juízo não serão capazes de solapar.

As multidões ficaram perplexas com a autoridade com que Jesus ensinava (vs. 28, 29). É uma autoridade à qual os discípulos de Jesus de cada geração devem submeter-se. A questão do senhorio de Cristo é relevante hoje em dia, tanto com referência a princípios como à aplicação prática, da mesma maneira que o era quando originalmente ele pregou o Sermão do Monte.

### 3. O Sermão é prático?

A terceira questão é pragmática. Uma coisa é convencer-se da relevância do Sermão em teoria; mas outra totalmente diferente é ter a certeza de que funcionará na prática. Seus padrões são atingíveis? Ou devemos quedar-nos satisfeitos, admirando-os melancolicamente à distância?

Talvez a maioria dos leitores e comentaristas, encarando a realidade nua e crua da perversidade humana, tenha chegado à conclusão de que os padrões do Sermão do Monte são inatingíveis. Dizem que os seus ideais são nobres mas impraticáveis, atraentes à imaginação mas impossíveis de se cumprir. Conhecendo bastante o agressivo egoísmo humano, questionam: como pode, então, alguém ser manso? Conhecem a imperiosa paixão sexual humana; como pode, então, alguém refrear os seus olhares e os seus pensamentos concupiscentes? Conhecem a preocupação humana com os problemas da vida; como, então, proibir-se a apreensão? Sabem da prontidão humana em irar-se e em ter sede de vingança; como então, esperar que alguém ame seus inimigos? Mais do que isto: a exigência não é voltar a outra face a um assaltante, o que é perigoso para o bem-estar da própria sociedade? E não ultrapassa essa exigência a capacidade individual? Provocar mais a violência dessa maneira não só permite que ela permaneça sem castigo, mas até a incentiva. Não! O Sermão do Monte não teria valor prático para os indivíduos ou comunidades. Na melhor das hipóteses, representaria o idealismo impraticável de um visionário. Seria um sonho que jamais se poderia realizar.

Uma modificação deste ponto de vista, pela primeira vez expressa por Johannes Weiss em 1892, e mais popularizada por Albert Schweitzer, é que Jesus fazia exigências excepcionais para uma situação excepcional. Acreditando eles que Jesus esperava que o fim da História acontecesse quase imediatamente, argumentavam que ele dava a seus discípulos uma "ética provisória", que exigia deles sacrifícios totais,

como abandonar as suas propriedades e amar os seus inimigos, sacrifícios apropriados só para aquele momento de crise. Neste caso, o Sermão do Monte transforma-se numa espécie de "lei marcial",<sup>31</sup> que só uma emergência maior poderia justificar. Enfaticamente, não seria uma ética para o quotidiano.

E tem havido muitas tentativas de acomodar o Sermão do Monte aos baixos níveis de nossa capacidade moral. Nos capítulos quarto e quinto do seu livro *Understanding the Sermon on the Mount* (Compreendendo o Sermão do Monte), Harvey McArthur primeiro examina e depois avalia nada menos de doze maneiras diferentes de interpretar o Sermão.<sup>32</sup> Diz que poderia muito bem intitular esta seção de "Versões e Evasivas do Sermão do Monte", pois todas menos uma das doze interpretações oferecem qualificações prudentes de suas exigências aparentemente absolutas.

No extremo oposto ficam aquelas almas superficiais que desembaraçadamente afirmam que o Sermão do Monte expressa padrões éticos que são manifestamente verdadeiros, comuns a todas as religiões e fáceis de obedecer. "Eu vivo de acordo com o Sermão do Monte", dizem. A reação mais caridosa para com essa gente é presumir que nunca leram o Sermão que tão confiantemente consideram uma coisa comum, normal. Bem diferente foi Leo Tolstoy (embora ele também crese que o Sermão foi pregado a fim de ser obedecido). É verdade que ele se reconhecia um fracasso sem limites, mas continuava crendo que os preceitos de Jesus poderiam ser postos em prática, e colocou a sua convicção nos lábios do Príncipe Nekhlyudov, o herói de sua última grande obra, *Ressurreição*, publicada em 1899-1900.

O príncipe de Tolstoy geralmente é considerado como um auto-retrato, e muito mal disfarçado. No final da novela, Nekhlyudov relê o Evangelho de Mateus. Vê no Sermão do Monte "não lindos pensamentos abstratos, que apresentam principalmente exigências exageradas e impossíveis, mas mandamentos simples, claros, práticos que, se fossem obedecidos (e isto parecendo ser bastante exequível), estabeleceriam uma ordem completamente nova na sociedade humana, onde a violência que enchia Nekhlyudov de indignação não só cessaria sozinha, mas também a maior de todas as bênçãos que o homem pode esperar, o reino dos céus na terra, seria alcançada."

"Nekhlyudov ficou parado olhando para a luz da lâmpada que bruxuleava, e seu coração parou de bater. Lembrando toda a monstruosa confusão da vida que levamos, imaginou como esta vida poderia ser, caso as pessoas fossem ensinadas a obedecer a estes mandamentos; e sua alma foi invadida por um êxtase jamais sentido antes. Foi como se, depois de muito anelar e sofrer, finalmente encontrasse paz e libertação.

Não dormiu naquela noite e, como acontece com a imensidão dos que lêem os Evangelhos, compreendeu pela primeira vez o pleno significado das palavras tantas vezes lidas no passado, mas não entendidas. Como uma esponja que chupa a água, ele bebeu aquela vital, importante e alegre novidade que o livro lhe revelou. E tudo o que lia lhe parecia familiar, confirmando e tornando real o que já conhecia há muito tempo mas que jamais compreendera totalmente nem crera realmente. Mas agora entendia e cria...

Disse para si mesmo: 'Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça; e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Mas nós buscamos todas estas coisas e obviamente fracassamos em alcançá-las. Esta, portanto, deve ser a tarefa de minha vida. Uma tarefa foi completada e outra está por fazer.'

Naquela noite uma vida inteiramente nova teve início em Nekhlyudov, não tanto porque penetrasse em novas condições de vida, mas porque tudo o que lhe acontecia daquele momento em diante estava revestido de um significado totalmente diferente para ele. Como este novo capítulo de sua vida terminará, o futuro há de mostrar."<sup>33</sup>

Tolstoy personificava a tensão entre o ideal e a realidade. De um lado estava convencido de que obedecer ao Sermão do Monte é "realidade exequível", enquanto que, de outro lado, a sua própria atuação medíocre dizia-lhe que não é. A verdade não se encontra em nenhuma das posições extremas. Os padrões do Sermão não podem ser imediatamente atingidos por todo o mundo, nem totalmente alcançados por qualquer um. Colocá-los além do alcance de qualquer pessoa é ignorar o propósito do Sermão de Cristo; colocá-los como sendo atingíveis por qualquer pessoa é ignorar a realidade do pecado. Esses padrões são atingíveis, mas só por aqueles que experimentaram o novo nascimento, condição esta que Jesus disse a Nicodemos ser indispensável para se ver e para se entrar no reino de Deus. Pois a justiça que ele descreveu no Sermão é uma justiça interior. Embora se manifeste externa e visivelmente em palavras, em atos e em relacionamentos, continua sendo essencialmente uma justiça do coração. O que se pensa no coração, e onde o coração é colocado, isso é o que realmente importa.<sup>34</sup> E aqui também que jaz o problema, pois os homens são "maus" por natureza.<sup>35</sup> Pois é do seu coração que saem as coisas más<sup>36</sup> e do seu coração é que saem as suas palavras,

<sup>31</sup> A expressão é do Prof. Jeremias (p. 14).

<sup>32</sup> pp. 105-148.

<sup>33</sup> Penguin Classics, 1966, pp. 566-568.

<sup>34</sup> cf. Mt 5:28; 6:21

<sup>35</sup> Mt7:11



assim como é a árvore que estabelece os frutos que produzirá. Portanto, só há uma solução: "Fazei a árvore boa, e o seu fruto será bom".<sup>37</sup> Um novo nascimento é essencial. Só a crença na necessidade e na possibilidade de um novo nascimento pode evitar que leiamos o Sermão do Monte com um tolo otimismo ou um desespero total. Jesus proferiu o Sermão para aqueles que já eram seus discípulos e, portanto, também cidadãos do reino de Deus e filhos da família de Deus.<sup>38</sup> O alto padrão que estabeleceu só é apropriado para tais pessoas. Não podemos, e na verdade é impossível, alcançar este *status* privilegiado por obedecer ao padrão estabelecido por Cristo. Antes, quando seguimos o seu padrão ou, pelo menos, quando nos aproximamos dele, damos prova de que a livre graça e o dom de Deus já operaram em nós.



## Mateus 5:3-12

### O caráter do cristão: as bem-aventuranças

<sup>3</sup> *Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.*

<sup>4</sup> *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.*

<sup>5</sup> *Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.*

<sup>6</sup> *Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.*

<sup>7</sup> *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.*

<sup>8</sup> *Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.*

<sup>9</sup> *Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.*

<sup>10</sup> *Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.*

<sup>11</sup> *Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós.*

<sup>12</sup> *Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.*

Quem é que, tendo ouvido falar de Jesus de Nazaré, e sabendo um pouco acerca do que ele ensinou, não está familiarizado com as bem-aventuranças que dão início ao Sermão do Monte? A simplicidade de palavras e a profundidade de idéias deste Sermão têm atraído cada nova geração de cristãos, além de muitas outras pessoas. Quanto mais exploramos suas implicações, mais fica por ser explorado. Suas riquezas são inexauríveis. Não podemos sondar suas profundezas. Na verdade, "Aproximamo-nos do céu".<sup>39</sup>

Antes de estarmos prontos para considerar separadamente cada bem-aventurança, há três perguntas de caráter geral que precisamos responder. Referem-se às pessoas descritas, às qualidades recomendadas e às bênçãos prometidas.

#### a. As pessoas descritas

As bem-aventuranças descrevem o caráter equilibrado e diversificado do povo cristão. Não existem oito grupos separados e distintos de discípulos, alguns dos quais são mansos, enquanto outros são misericordiosos e outros, ainda, chamados para suportarem perseguições. São, antes, oito qualidades do mesmo grupo de pessoas que, ao mesmo tempo, são mansas e misericordiosas, humildes de espírito e limpas de coração, choram e têm fome, são pacificadoras e perseguidas.

Além disso, o grupo que exhibe estes sinais não é um conjunto elitista, uma pequena aristocracia espiritual distante da maioria dos cristãos. Pelo contrário, as bem-aventuranças são especificações dadas pelo próprio Cristo quanto ao que cada cristão deveria ser. Todas estas qualidades devem caracterizar todos os seus discípulos. Da mesma forma que o fruto do Espírito, descrito por Paulo, deve amadurecer em seus nove aspectos no caráter de cada cristão, também as oito bem-aventuranças que Cristo menciona descrevem o seu ideal para cada cidadão do reino de Deus. Ao contrário dos dons do Espírito, que ele distribuiu a diferentes membros do corpo de Cristo a fim de equipá-los para diferentes espécies de serviço, o mesmo Espírito está interessado em produzir todas estas graças cristãs em todos nós. Não podemos fugir à nossa responsabilidade de cobiçá-las todas.

<sup>36</sup> cf. Mc 7:21-23.

<sup>37</sup> Mt 7:16-20; 12:33-37

<sup>38</sup> p. ex. 5:16,48; 6:9,32,33; 7:11.

<sup>39</sup> Bruce, p.95.

### b. As qualidades recomendadas

Sabemos muito bem que há uma discrepância, pelo menos verbal, entre as bem-aventuranças do Evangelho de Mateus e as de Lucas. Assim, Lucas diz: "Bem-aventurados vós os pobres", enquanto que Mateus declara: "Bem-aventurados os humildes (pobres) de espírito". Em Lucas temos: "Bem-aventurados vós os que agora tendes fome", e em Mateus: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça".

Por causa disto, alguns argumentam que a versão de Lucas é a verdadeira; que Jesus estava julgando os pobres e os famintos do ponto de vista social ou sociológico; que ele estava prometendo alimento aos subnutridos e ao proletariado no reino de Deus; e que Mateus espiritualizou o que constituía originalmente uma promessa material.

Mas esta interpretação é impossível, a não ser que estejamos prontos a crer que Jesus se contradisse ou que os evangelistas foram demasiado ineptos para fazê-lo parecer assim. No deserto da Judéia, nas tentações descritas por Mateus no capítulo anterior, Jesus recusou-se a transformar pedras em pão e repudiou a idéia de estabelecer um reino material. De maneira consistente, através de todo o seu ministério, rejeitou a mesma tentação. Quando alimentou os cinco mil e, por causa disto, induziu a multidão a "arreatá-lo para o proclamarem rei", Jesus imediatamente se retirou sozinho para o monte.<sup>40</sup> E quando Pilatos perguntou-lhe se havia qualquer verdade nas acusações dos líderes judeus contra ele, e se realmente tinha alguma ambição política, sua resposta foi inequívoca: "O meu reino não é deste mundo."<sup>41</sup> Isto é, tinha uma origem diferente e, portanto, caráter diferente.

Com isso não sugerimos que Jesus ficasse indiferente à pobreza e fome físicas. Pelo contrário, ele sentia compaixão pelos necessitados e alimentava os famintos, e disse aos seus discípulos que fizessem o mesmo. Mas a bênção do seu reino não era em primeiro lugar uma vantagem econômica.

Mais ainda, se ele não oferecia alívio físico imediato, não o prometia tampouco num céu futuro e, enquanto isso, anunciava que os pobres e famintos eram "bem-aventurados". Na verdade, em algumas circunstâncias, Deus pode usar a pobreza como instrumento de bênção espiritual, exatamente como a riqueza pode ser um impedimento à mesma. Mas isto não transforma a pobreza por si mesma em condição desejável, que Jesus abençoe.

A igreja sempre esteve errada quando usou a primeira bem-aventurança para fechar os olhos diante da pobreza das massas, ou para elogiar a pobreza voluntária dos monges e de outros que fizeram voto de renúncia aos bens materiais. Cristo pode, realmente, chamar alguns para uma vida de pobreza, mas essa chamada não pode ser, honestamente, percebida nesta bem-aventurança.

A pobreza e a fome a que Jesus se refere nas bem-aventuranças são condições espirituais. São "os humildes (pobres) *de espírito*" e aqueles que "têm fome e sede *de justiça*" que ele declara bem-aventurados. É podemos certamente deduzir disso que as outras qualidades por ele mencionadas também são espirituais. É verdade que a palavra aramaica que Jesus usou poderia significar simplesmente os "pobres", como na versão de Lucas. Mas "os pobres", os pobres de Deus, já constituíam um grupo claramente definido no Velho Testamento, e Mateus estaria correto traduzindo para "pobres de espírito". Pois "os pobres" não eram tanto os maltratados pela pobreza, mas os piedosos, assim chamados em parte porque passavam necessidades, eram oprimidos, tiranizados e afligidos de outras maneiras, mas tinham firmado a sua fé e esperança em Deus.

### c. As bênçãos prometidas

Cada qualidade foi elogiada, enquanto cada pessoa que a possui foi declarada "bem-aventurada". A palavra grega *makarios* significa "feliz". A Bíblia na Linguagem de Hoje assim traduz as palavras iniciais de cada bem-aventurança: "Felizes os que . . .". E diversos comentaristas têm explicado que essas palavras constituem a receita de Jesus para a felicidade humana. A explicação mais simples que conheço foi feita por Ernest M. Ligon, do Departamento de Psicologia do "Union College", de Schenectady, Nova Iorque, em seu livro *The Psychology of Christian Personality*<sup>42</sup> (A Psicologia da Personalidade Cristã). Reconhecendo sua dívida para com Harry Emerson Fosdick, ele traça a interpretação do Sermão do Monte "do ponto de vista da saúde mental". "O erro mais significativo que se tem cometido interpretando estes versículos de Jesus (*sc.* as bem-aventuranças)", ele escreve, "foi deixar de perceber a primeira palavra de cada um deles: '*felizes*'"<sup>43</sup> No seu ponto de vista, "constituem a teoria de Jesus sobre a felicidade".<sup>44</sup> Não constituem tanto deveres éticos, mas "uma série de oito atitudes emocionais fundamentais. O homem que reagir ao seu ambiente com

<sup>40</sup> Jo 6:15.

<sup>41</sup> Jo 18:36.

<sup>42</sup> Macmillan, 1935; brochura, 1961.

<sup>43</sup> p.89.

<sup>44</sup> p.24.

esse espírito terá uma vida feliz",<sup>45</sup> pois terá descoberto a "fórmula básica para a saúde mental".<sup>46</sup> De acordo com o Dr. Ligon, o Sermão enfatiza as "forças" da fé e do amor, da "fé experimental" e do "amor paternal". Estes dois princípios são indispensáveis para o desenvolvimento de uma "personalidade sadia e forte".<sup>47</sup> Não só o caos do medo pode ser vencido pela fé, e a ira destrutiva pelo amor, mas também "o complexo de inferioridade e seus muitos subprodutos" pela Regra Áurea.<sup>48</sup>

Não é preciso rejeitar esta interpretação como totalmente ilusória. Ninguém melhor do que o nosso Criador sabe como podemos nos tornar humanos verdadeiros. Ele nos criou. Ele sabe como funcionamos melhor. É através da obediência às suas próprias leis morais que nos encontramos e nos realizamos. E todos os cristãos podem testemunhar da experiência de que há uma relação íntima entre a santidade e a felicidade.

Não obstante, traduzir *makarios* por "feliz" induz a um erro sério, pois a felicidade é um estado subjetivo, enquanto que Jesus está julgando objetivamente essas pessoas. Ele não está declarando como se sentirão ("felizes"), mas sim o que Deus pensa delas e o que são por causa disso: são "bem-aventuradas".

Que bênção é essa? A segunda parte de cada bem-aventurança elucida a questão. Possuem o reino dos céus e herdarão a terra. Os que choram são consolados e os famintos satisfeitos. Recebem misericórdia, vêm a Deus, são chamados filhos de Deus. Sua recompensa celestial é grande. E todas estas bênçãos estão reunidas. Exatamente como as oito qualidades descrevem cada cristão (pelo menos em ideal), da mesma forma as oito bênçãos são concedidas a cada cristão. É verdade que a bênção específica prometida em cada caso é apropriada à qualidade particularmente mencionada. Ao mesmo tempo, é totalmente impossível herdar o reino dos céus sem herdar a terra, ser consolado sem ser satisfeito ou ver a Deus sem alcançar sua misericórdia e ser chamado seu filho. As oito qualidades juntas constituem as responsabilidades; e as oito bênçãos, os privilégios, a condição de cidadão do reino de Deus. Este é o significado do desfrutar do governo de Deus.

Estas bênçãos são para o presente ou para o futuro? Pessoalmente, penso que a única resposta possível é "tanto para o presente como para o futuro". Alguns comentaristas, entretanto, têm insistido que são para o futuro, e têm enfatizado a natureza "escatológica" das bem-aventuranças. É verdade que a segunda parte da última bem-aventurança promete que os perseguidos receberão uma grande recompensa no céu, e isto deve referir-se ao futuro (v. 12). Certamente também é apenas na primeira e na oitava bem-aventuranças que a bênção foi expressa no tempo presente, "deles é o reino dos céus" (vs. 3, 10); e, mesmo assim, este verbo não se encontrava aí quando Jesus falou em aramaico. As outras seis beatitudes contêm um verbo no futuro simples (serão, herdarão, alcançarão). Não obstante, está claro nos demais ensinamentos de Jesus que o reino de Deus é uma realidade presente que podemos "receber", "herdar" ou "entrar" agora. Do mesmo modo, podemos alcançar misericórdia e consolo agora, podemos nos tornar filhos de Deus agora e podemos, nesta vida, ter a nossa fome satisfeita e a nossa sede mitigada. Jesus prometeu todas estas bênçãos a seus discípulos aqui e agora. A promessa de que "verão a Deus" pode parecer uma referência à "visão beatífica" final,<sup>49</sup> e sem dúvida a inclui. Mas nós já começamos a ver Deus nesta vida, na pessoa do seu Cristo<sup>50</sup> e com a visão espiritual.<sup>51</sup> Já começamos a "herdar a terra" nesta vida, considerando que, se somos de Cristo, todas as coisas já são nossas, "seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as cousas presentes, sejam as futuras".<sup>52</sup>

Portanto, as promessas de Jesus nas bem-aventuranças têm cumprimento presente e futuro. Desfrutamos agora das primícias; a colheita propriamente dita ainda está por vir. E, como destacou acertadamente o Professor Tasker, "O tempo verbal futuro. . . enfatiza sua certeza, e não simplesmente o seu aspecto futuro. Os que choram serão *certamente* consolados, etc."<sup>53</sup>

Isto nos coloca diante de mais uma pergunta sobre as "bênçãos" que Jesus prometeu. É um problema que não podemos evitar. Será que as bem-aventuranças não ensinam uma doutrina de salvação pelos méritos humanos e pelas boas obras, o que é incompatível com o evangelho? Será que Jesus não declara explicitamente, por exemplo, que os misericordiosos alcançarão misericórdia e que os limpos de coração verão a Deus? E será que isto não dá a entender que é demonstrando misericórdia que recebemos misericórdia e que, tornando-nos limpos de coração, recebemos uma visão de Deus?

Alguns intérpretes têm ousadamente defendido esta tese. Tentaram apresentar o Sermão do Monte como nada mais que uma débil forma cristianizada da lei do Velho Testamento e da ética do Judaísmo. Eis aí Jesus, o Rabi, o legislador, dizem, enunciando mandamentos, esperando obediência e prometendo salvação

<sup>45</sup> p.27

<sup>46</sup> p.91

<sup>47</sup> p. 18.

<sup>48</sup> pp.332ss.

<sup>49</sup> cf. 1 Co 13:12; Hb 12:14; 1Jo 3:2; Ap22:4

<sup>50</sup> Jo 14:9.

<sup>51</sup> 1 Jo3:6; 3Jo 11

<sup>52</sup> 1 Co 3:22, 23.

<sup>53</sup> pp.48,49



àqueles que lhe atendem. Provavelmente o expoente máximo desta opinião seja Hans Windisch, no seu *The Meaning of the Sermon on the Mount* (1929, "O Significado do Sermão do Monte"). Ele enfatiza a "exegese histórica" e rejeita o que chama de "exegese paulinizante", referindo-se à tentativa de interpretar o Sermão de maneira que harmonize com o evangelho da graça de Paulo. Na opinião dele, isto não pode ser feito: "Do ponto de vista de Paulo, Lutero e Calvino, a soteriologia do Sermão do Monte é irremediavelmente herética."<sup>54</sup> Em outras palavras, prega a lei, não o evangelho, e oferece justiça pelas obras e não pela fé. Portanto, "aquí há entre Jesus e Paulo um abismo que nenhum artifício de exegese teológica pode transpor".<sup>55</sup> Mas Windisch vai mais além. Especula que a ênfase de Paulo sobre a salvação pela graça tem levado muitos a considerar as boas obras como supérfluas, e que Mateus deliberadamente compôs o Sermão do Monte como uma espécie de tratado anti-paulino!<sup>56</sup>

Foi esse mesmo temor de que as promessas do Sermão do Monte dependessem dos méritos humanos para o seu cumprimento, que levou J. N. Darby a relegá-las para a futura "dispensação do reino". Seu dispensacionalismo ficou popularizado pela "Scofield Reference Bible" (1909), a qual, comentando 5:2, chama o Sermão de "lei pura", embora admitindo que os seus princípios têm "uma linda aplicação moral para o cristão".

Mas tanto as especulações de Windisch quanto os temores dos dispensacionalistas são infundados. Na verdade, a primeira das bem-aventuranças proclama a salvação pela graça e não pelas obras, pois ela promete o reino de Deus aos "humildes de espírito", isto é, às pessoas que são tão pobres espiritualmente que nada têm a oferecer para mérito seu. O leitor pode imaginar com que veemente indignação Lutero repudiou a sugestão, feita por alguns contemporâneos seus, de que o Sermão do Monte ensina a salvação pelos méritos! Acrescentou à sua exposição um longo pós-escrito de dez páginas, a fim de se opor a esta idéia monstruosa. Nele, criticou severamente "aqueles estúpidos falsos mestres" que "chegaram à conclusão de que entramos no reino dos céus e somos salvos por nossas próprias obras e ações".<sup>57</sup> Esta "abominação dos sofistas" inverte o evangelho de tal forma, ele declara, que "se compara a jogar o telhado no chão, a tombar os alicerces, a edificar a salvação sobre simples água, a derrubar Cristo completamente do seu trono, colocando em seu lugar as nossas obras".<sup>58</sup>

Como, então, podemos explicar as expressões que Jesus usou nas bem-aventuranças, toda a ênfase que deu à justiça no Sermão? A resposta certa parece ser que o Sermão do Monte, como uma espécie de "nova lei", igual à antiga, tem dois propósitos divinos, os quais o próprio Lutero entendia claramente. Primeiro, mostrar a quem não é cristão que não pode agradar a Deus por si mesmo (porque não consegue obedecer à lei), conduzindo-o, então, a Cristo para ser justificado. Segundo, mostra ao cristão, que buscou em Cristo a justificação, como deve viver para agradar a Deus. Mais simplesmente, de acordo com a síntese dos reformadores puritanos, a lei nos envia a Cristo para sermos justificados, e Cristo nos manda de volta à lei para sermos santificados.

Não pode haver dúvidas de que o Sermão do Monte tem, sobre muitas pessoas, o primeiro efeito já notado. Quando o lêem, ficam desesperadas. Vêm nele um ideal inatingível. Como poderiam desenvolver esta justiça de coração, voltar a outra face, amar os seus inimigos? E impossível! Exatamente! Neste sentido, o Sermão é "Moisíssimo Moisés" (expressão de Lutero); "é Moisés quadruplicado, é Moisés multiplicado ao mais alto grau",<sup>59</sup> porque é uma lei de justiça interior a que nenhum filho de Adão jamais pode obedecer. Portanto, apenas nos condena e torna indispensável o perdão de Cristo. Não poderíamos dizer que esta é uma parte do propósito do Sermão? É verdade que Jesus não o disse explicitamente, embora esteja na primeira bem-aventurança, como já mencionamos. Mas a implicação está em toda a nova lei, exatamente como na antiga.

Lutero é ainda mais explícito quanto ao segundo propósito do Sermão: "Cristo nada diz neste Sermão sobre como nos tornamos cristãos, mas apenas sobre as obras e os frutos que ninguém pode produzir se já não for um cristão e não estiver em estado de graça."<sup>60</sup> Todo o Sermão realmente pressupõe uma aceitação do evangelho (como Crisóstomo e Agostinho o entenderam), uma experiência de conversão e de novo nascimento, e a habitação do Espírito Santo. Descreve as pessoas nascidas de novo que os cristãos são (ou deveriam ser). Portanto, as bem-aventuranças apresentam as bênçãos que Deus concede (não como uma recompensa aos méritos, mas como um dom da graça) àqueles nos quais ele está desenvolvendo um caráter assim.

<sup>54</sup> p. 6.

<sup>55</sup> p. 107

<sup>56</sup> Por exemplo, Windisch, p. 96. W. D. Davies examina e rejeita esta reconstrução; pp. 316-341.

<sup>57</sup> p. 285

<sup>58</sup> p. 288.

<sup>59</sup> Jeremias, p. 12.

<sup>60</sup> p. 291.



O Professor Jeremias, que se refere à primeira explicação ("a teoria do ideal impossível"), chamando-a de "ortodoxia luterana",<sup>61</sup> deixando de mencionar que o próprio Lutero também deu esta segunda explicação, sugere que o Sermão foi usado como "um catecismo cristão primitivo" e, portanto, pressupõe que os ouvintes já eram cristãos: "Foi precedido pela proclamação do Evangelho; e foi precedido pela conversão, pelo poder das Boas Novas."<sup>62</sup> Assim, o Sermão "foi dirigido a homens que já tinham recebido o perdão, que encontraram a pérola de grande preço, que foram convidados para as bodas, que mediante a sua fé em Jesus pertenciam à nova criação, ao novo mundo de Deus".<sup>63</sup> Neste sentido, então, "o Sermão do Monte não é Lei, mas Evangelho". Para tornar clara a diferença entre ambos, ele prossegue, é preciso fugir de termos tais como "moralidade cristã", falando, outrossim, em "fé vivida", pois "fica claramente explícito que o dom de Deus precede suas exigências".<sup>64</sup>

O Professor A. M. Hunter insere este assunto no contexto de todo o Novo Testamento: "O Novo Testamento torna claro que a mensagem da Igreja primitiva sempre . . . teve dois aspectos, um teológico, outro ético: (1) o Evangelho que os apóstolos pregavam; e (2) o Mandamento, produto do Evangelho, que eles ensinavam àqueles que aceitavam esse Evangelho. O Evangelho era uma declaração do que Deus, na sua graça, tinha feito pelos homens através de Cristo; o Mandamento era uma declaração do que Deus exigia dos homens que se tornaram objeto de sua graciosa ação."<sup>65</sup> O apóstolo Paulo costumava dividir as suas cartas desse jeito, com uma parte doutrinária seguida de outra, prática. "Mas nisto", continua Hunter, "Paulo só estava fazendo o que o seu Senhor fizera antes dele. Jesus não só proclamou que o reino de Deus viera com ele e com sua obra; também apresentou aos seus discípulos o ideal moral do reino . . . É o ideal esboçado no Sermão do Monte".<sup>66</sup>

Resumindo estes três pontos introdutórios relacionados com as bem-aventuranças, podemos dizer que as pessoas descritas são de modo geral os discípulos cristãos, pelo menos em ideal; que as qualidades elogiadas são qualidades espirituais; e que as bênçãos prometidas (como dons da graça imerecida) são as bênçãos gloriosamente compreendidas pelo governo de Deus, experimentadas agora e consumadas depois, incluindo a herança de ambos, terra e céu, consolo, satisfação e misericórdia, visão e filiação de Deus.

Agora estamos prontos para examinar detalhadamente as bem-aventuranças. Diversas tentativas de classificação foram experimentadas. Não são certamente um catálogo fortuito, mas, nas palavras de Crisóstomo, "uma espécie de cadeia de ouro".<sup>67</sup> Talvez a divisão mais simples seja considerar as quatro primeiras descritivas do relacionamento do cristão com Deus, e as outras quatro, do seu relacionamento e deveres para com o próximo.

### 1. Os humildes de espírito (v. 3)

Já mencionamos que o Velho Testamento fornece os antecedentes necessários para a interpretação desta bem-aventurança. No princípio, ser "pobre" significava passar necessidades literalmente materiais. Mas, gradualmente, porque os necessitados não tinham outro refúgio a não ser Deus,<sup>68</sup> a "pobreza" recebeu nuances espirituais e passou a ser identificada como uma humilde dependência de Deus. Por isso o salmista intitulou-se "este aflito" que clamou a Deus em sua necessidade, "e o Senhor o ouviu, e o livrou de todas as suas tribulações".<sup>69</sup> O "aflito" (homem pobre) no Velho Testamento é aquele que está sofrendo e não tem capacidade de salvar-se por si mesmo e que, por isso, busca a salvação de Deus, reconhecendo que não tem direito à mesma. Esta espécie de pobreza espiritual foi especialmente elogiada em Isaías. São "os aflitos e necessitados", que "buscam águas, e não as há", cuja "língua se seca de sede", aos quais Deus promete abrir "rios nos altos desnudos, fontes no meio dos vales" e tornar "o deserto em açudes de águas, e a terra seca em mananciais".<sup>70</sup> O "pobre" também foi descrito como "o contrito e abatido de espírito", para quem Deus olha (embora seja "o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo"), e com quem se deleita em habitar.<sup>71</sup> É para esse que o ungido do Senhor proclamaria as boas novas da salvação, uma profecia que Jesus conscientemente cumpriu na sinagoga de Nazaré: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu, para pregar boas-novas aos quebrantados."<sup>72</sup> Mais ainda, os ricos inclinavam-se a

<sup>61</sup> p. 11.

<sup>62</sup> p. 24.

<sup>63</sup> p. 30.

<sup>64</sup> p.32

<sup>65</sup> p. 110.

<sup>66</sup> pp. 110,111.

<sup>67</sup> p.209.

<sup>68</sup> Sf3:12.

<sup>69</sup> S134:6.

<sup>70</sup> Is 41:17,18.

<sup>71</sup> Is57:15;66:1,2.

<sup>72</sup> Is 61:1; Lc 4:18; cf. Mt 11:5.

transigir com o paganismo que os rodeava; eram os pobres que permaneciam fiéis a Deus. Por isso, a riqueza e o mundanismo, bem como a pobreza e a piedade, andavam juntas.

Assim, ser "humilde (pobre) de espírito" é reconhecer nossa pobreza espiritual ou, falando claramente, a nossa falência espiritual diante de Deus, pois somos pecadores, sob a santa ira de Deus, e nada merecemos além do juízo de Deus. Nada temos a oferecer, nada a reivindicar, nada com que comprar o favor dos céus.

"Nada em minhas mãos eu trago, Simplesmente à tua cruz me apego; Nu, espero que me vistas; Desamparado, aguardo a tua graça; Mau, à tua fonte corro; Lava-me, Salvador, ou morro."

Esta é a linguagem do pobre (humilde) de espírito. Nosso lugar é ao lado do publicano da parábola de Jesus, clamando com os olhos baixos: "Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" Como Calvino escreveu: "Só aquele que, em si mesmo, foi reduzido a nada, e repousa na misericórdia de Deus, é *pobre de espírito*."<sup>73</sup>

Esses, e tão somente esses, recebem o reino de Deus. Pois o reino de Deus que produz salvação é um dom tão absolutamente de graça quanto imerecido. Tem de ser aceito com a dependente humildade de uma criança. Assim, bem no começo do Sermão do Monte, Jesus contradisse todos os juízos humanos e todas as expectativas nacionalistas do reino de Deus. O reino é concedido ao pobre, não ao rico; ao frágil, não ao poderoso; às crianças bastante humildes para aceitá-lo, não aos soldados que se vangloriam de poder obtê-lo através de sua própria bravura. Nos tempos de nosso Senhor, quem entrou no reino não foram os fariseus, que se consideravam ricos, tão ricos em méritos que agradeciam a Deus por seus predicados: nem os zelotes, que sonhavam com o estabelecimento do reino com sangue e espada; mas foram os publicanos e as prostitutas, o refugio da sociedade humana, que sabiam que eram tão pobres que nada tinham para oferecer nem para receber. Tudo o que podiam fazer era clamar pela misericórdia de Deus; ele ouviu o seu clamor.

Talvez o melhor exemplo desta mesma verdade seja a igreja nominal de Laodicéia, à qual João recebeu ordem de enviar uma carta do Cristo glorificado. Ele citou as complacentes palavras dela, e acrescentou o seu próprio comentário: "Pois dizes: Estou rico e abastado, e não preciso de cousa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu."<sup>74</sup> Esta igreja visível, apesar de toda a sua profissão cristã, não era de modo algum verdadeiramente cristã. Auto-satisfeita e superficial, era composta (de acordo com Jesus) de cegos e mendigos nus. Mas a tragédia era que não o admitiam. Eram ricos, não pobres, de espírito.

Ainda hoje, a condição indispensável para se receber o reino de Deus é o reconhecimento de nossa pobreza espiritual. Deus continua despedindo vazios os ricos.<sup>75</sup> Como disse C. H. Spurgeon: "Para subirmos no reino é preciso rebaixarmo-nos em nós mesmos."<sup>76</sup>

## 2. Os que choram (v. 4)

Quase que se poderia traduzir esta segunda bem-aventurança por "Felizes os infelizes", a fim de chamar a atenção para o surpreendente paradoxo que contém. Que espécie de tristeza é essa que pode produzir a alegria da bênção de Cristo naqueles que a sentem? Está claro no contexto que aqueles que receberam a promessa do consolo não são, em primeiro lugar, os que choram a perda de uma pessoa querida, mas aqueles que choram a perda de sua inocência, de sua justiça, de seu respeito próprio. Cristo não se refere à tristeza do luto, mas à tristeza do arrependimento.

Este é o segundo estágio da bênção espiritual. Uma coisa é ser espiritualmente pobre e reconhecê-lo; outra é entristecer-se e chorar por causa disto. Ou, numa linguagem mais teológica, confissão é uma coisa, contrição é outra.

Precisamos, então, notar que a vida cristã, de acordo com Jesus, não é só alegria e risos. Há cristãos que parecem imaginar, especialmente se estão cheios do Espírito, que devem exibir um sorriso perpétuo no rosto e viver continuamente exuberantes e borbulhantes. Que atitude antibíblica! Na versão de Lucas, Jesus acrescentou a esta bem-aventurança uma solene advertência: "Ai de vós os que agora rides!"<sup>77</sup> A verdade é que existem lágrimas cristãs e são poucos os que as vertem.

Jesus chorou pelos pecados de outros, pelas amargas conseqüências que trariam no juízo e na morte, e pela cidade impenitente que não o receberia. Nós também deveríamos chorar mais pela maldade do mundo, como os homens piedosos dos tempos bíblicos. "Torrentes de águas nascem dos meus olhos", o salmista podia dizer a Deus, "porque os homens não guardam a tua lei".<sup>78</sup> Ezequiel ouviu o povo de Deus descrito como aqueles que "suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio (de Jerusalém)".<sup>79</sup> E Paulo escreveu sobre os falsos mestres que perturbavam as igrejas do seu tempo: "Pois

<sup>73</sup> p. 261.

<sup>74</sup> Ap3:17.

<sup>75</sup> Lc 1:53

<sup>76</sup> p. 21.

<sup>77</sup> Lc 6:25.

<sup>78</sup> Sl 119:136

<sup>79</sup> Ez9:4.

muitos andam entre nós . . . e agora vos digo até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo."<sup>80</sup>

Mas não são apenas os pecados dos outros que deveriam nos levar às lágrimas, pois temos os nossos próprios pecados para chorar. Ou será que eles nunca nos entristeceram? Será que Thomas Cranmer exagerou quando, num culto comemorando a Ceia do Senhor, em 1662, colocou nos lábios das pessoas da igreja as palavras: "Reconhecemos e lamentamos nossos múltiplos pecados e maldades"? Será que Esdras errou quando orava fazendo confissão, "chorando prostrado diante da casa de Deus"?<sup>81</sup> Será que Paulo errou ao gemer: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" e quando escreveu à pecadora igreja de Corinto: "Não chegastes a lamentar?"<sup>82</sup> Penso que não. Temo que os cristãos evangélicos, exagerando a graça, às vezes fazem pouco do pecado por causa disso. Não existe suficiente tristeza por causa do pecado entre nós. Deveríamos experimentar mais "tristeza segundo Deus" no arrependimento cristão,<sup>83</sup> como aconteceu com o sensível missionário cristão junto aos índios americanos do século dezoito, David Brainerd, que escreveu em seu diário, a 18 de outubro de 1740: "Em minhas devoções matinais minha alma desfez-se em lágrimas, e chorou amargamente por causa da minha extrema maldade e vileza." Lágrimas como estas são a água santa que se diz Deus guardar em seu odre.<sup>84</sup>

Tais pessoas que choram, que lamentam a sua própria maldade, serão consoladas pelo único consolo que pode aliviar o seu desespero, isto é, o perdão da graça de Deus. "O maior de todos os consolos é a absolvição enunciada sobre cada pecador contrito que chora."<sup>85</sup> "Consolação" de acordo com os profetas do Velho Testamento, seria uma das missões do Messias. Ele seria "o Consolador" que curaria "os quebrantados de coração".<sup>86</sup> Por isso, homens piedosos como Simeão esperavam ansiosos "a consolação de Israel".<sup>87</sup> E Cristo derrama óleo sobre nossas feridas e concede paz às nossas consciências magoadas e marcadas. Mas ainda choramos pela devastação do sofrimento e da morte que o pecado alastra pelo mundo inteiro! Só no estado final de glória o consolo de Cristo será completo, pois só então o pecado não existirá mais e "Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima".<sup>88</sup>

### 3. Os mansos (v. 5)

O adjetivo grego *praiis* significa "gentil", "humilde", "atencioso", "cortês" e, portanto, o que exerce autocontrole, sem o qual estas qualidades seriam impossíveis. Embora imediatamente recuemos ante a imagem de nosso Senhor quando intitulado "Jesus, suave e meigo", porque evoca uma figura fraca e efeminada, ele mesmo descreveu-se como "manso (*praiis*) e humilde de coração"; e Paulo falou de sua "mansidão e benignidade".<sup>89</sup> Portanto, lingüisticamente falando, podemos parafrasear esta bem-aventurança dizendo: "aqueles que têm um espírito gentil". Mas que espécie de gentileza é esta, para que seus possuidores sejam declarados bem-aventurados?

(Parece importante notar que, nas bem-aventuranças, "os mansos" encontram-se entre aqueles que choram por causa do pecado e entre aqueles que têm fome e sede de justiça. A forma particular de mansidão que Cristo exige de seus discípulos está certamente relacionada com esta seqüência. Creio que o Dr. Martin Lloyd-Jones está certo ao enfatizar que essa mansidão denota uma atitude humilde e gentil para com os outros, determinada por uma estimativa correta de si mesmo. Ele destaca que é comparativamente fácil ser honesto consigo mesmo diante de Deus e se reconhecer pecador diante dele. E prossegue: "Mas como é muito mais difícil permitir que as *outras pessoas* digam uma coisa dessas de mim! Instintivamente eu me ofendo. Todos nós preferimos nos condena"r a nós mesmos do que permitir que outra pessoa nos condene."<sup>90</sup>

Por exemplo, vamos aplicar este princípio à prática eclesíastica cotidiana. Sinto-me muito feliz ao recitar a confissão de pecados na igreja, chamando-me de "miserável pecador". Não há problema algum. Nem me incomoda. Mas se alguém vier a mim, depois do culto, e me chamar de miserável pecador, vou querer dar-lhe um soco no nariz! Em outras palavras, não estou preparado para permitir que outras pessoas pensem ou falem de mim aquilo que acabei de reconhecer diante de Deus. É uma grande hipocrisia, e sempre será, quando a mansidão estiver ausente. O Dr. Lloyd-Jones resume isso admiravelmente: "A mansidão é, em essência, a verdadeira visão que temos de nós mesmos, e que se expressa na atitude e na conduta para com os outros . . . O homem verdadeiramente manso é aquele que fica realmente pasmo ante o fato de Deus e os

<sup>80</sup> Fp3:18.

<sup>81</sup> Ed 10:1.

<sup>82</sup> Rm 7:24; 1 Co5:2; cf. 2 Co 12:21.

<sup>83</sup> 2 Co 7:10.

<sup>84</sup> Sl 56:8.

<sup>85</sup> Lenski, p. 187.

<sup>86</sup> Is 61:1; cf. 40:1.

<sup>87</sup> Lc 2:25.

<sup>88</sup> Ap7:17.

<sup>89</sup> Mt 11:29; 2Co 10:1; cf. Zc9:9.

<sup>90</sup> p. 65.

homens poderem pensar dele tão bem quanto pensam, e de que o tratem tão bem.<sup>91</sup> Isto o torna gentil, humilde, sensível, paciente em todos os seus relacionamentos com os outros.

Essas pessoas "mansas", Jesus acrescentou, "herdarão a terra". Era de se esperar o contrário. Aachamos que as pessoas "mansas" nada conseguem porque são ignoradas por todos, ou, então, tratadas com descortesia ou desprezo. São os valentões, os arrogantes, que vencem na luta pela existência; os covardes são derrotados. Até mesmo os filhos de Israel tiveram de lutar por sua herança, embora o Senhor seu Deus lhes desse a terra prometida. Mas a condição pela qual tomamos posse de nossa herança espiritual em Cristo não é a força, mas a mansidão, pois, conforme já vimos, tudo é nosso se somos de Cristo.<sup>92</sup>

Era esta a confiança dos homens de Deus, santos e humildes, no Velho Testamento, quando os perversos pareciam triunfar. Isto jamais foi expresso com mais exatidão do que no Salmo 37, o qual parece que Jesus citou nas bem-aventuras: "Não te indignes por causa dos malfetores ... os mansos herdarão a terra . . . Aqueles a quem o Senhor abençoa possuirão a terra . . . Espera no Senhor, segue o seu caminho, e ele te exaltará para possuíres a terra; presenciáras isso quando os ímpios forem exterminados."<sup>93</sup> O mesmo princípio continua operando hoje em dia. Os ímpios podem vangloriar-se e exibir-se, mas a verdadeira possessão foge ao seu controle. Os mansos, por outro lado, embora sejam despojados e privados dos seus direitos pelos homens, sabem o que é viver e reinar com Cristo, e podem desfrutar e até mesmo "possuir" a terra, a qual pertence a Cristo. Então, no dia da "regeneração", haverá "um novo céu e uma nova terra" para herdar.<sup>94</sup> Portanto, o caminho de Cristo é diferente do caminho do mundo, e cada cristão, mesmo sendo como Paulo e "nada tendo", pode dizer-se "possuindo tudo".<sup>95</sup> Conforme Rudolf Stier: "A auto-renúncia é o caminho para o domínio do mundo."<sup>96</sup>

#### 4. Os que têm fome e sede de justiça (v. 6)

Já no cântico de Maria, o Magnificat, os espiritualmente humildes e famintos foram associados, e ambos declarados bem-aventurados: pois Deus "encheu de bens os *famintos* e despediu vazios os *ricos*".<sup>97</sup> Este princípio generalizado ficou aqui particularizado. Os famintos e os sedentos que Deus satisfaz são aqueles que "têm fome e sede de justiça". Tal fome espiritual é uma característica do povo de Deus, cuja ambição suprema não é material, mas espiritual. Os cristãos não são como os pagãos, que vivem absorvidos pela busca dos bens materiais; eles se determinaram a "buscar primeiro" o reino de Deus e a sua justiça.<sup>98</sup>

A justiça na Bíblia tem pelo menos três aspectos: o legal, o moral e o social. A justiça legal é a justificação, um relacionamento certo com Deus. Os judeus "buscavam a lei da justiça", escreveu Paulo mais tarde, mas não a alcançaram porque a buscaram pelo modo errado. Procuraram "estabelecer a sua própria" justiça e "não se sujeitaram à que vem de Deus", que é o próprio Cristo.<sup>99</sup> Alguns comentaristas acham que Jesus se refere a isso, mas é provável que não, pois Jesus está se dirigindo àqueles que já lhe pertencem.

A justiça moral é aquela justiça de caráter e de conduta que agrada a Deus. Jesus prossegue, depois das bem-aventuras, contrastando essa justiça cristã com a do fariseu (v. 20). Esta última era uma conformidade exterior às regras; a primeira é uma justiça interior, do coração, da mente e das motivações. É desta que devemos sentir fome e sede.

É um erro, entretanto, supor que a palavra bíblica "justiça" significa apenas um relacionamento correto com Deus, de um lado, e uma justiça moral de caráter e conduta, do outro. Pois a justiça bíblica é mais do que um assunto particular e pessoal; inclui também a justiça social. E a justiça social, conforme aprendemos na lei e nos profetas, refere-se à busca pela libertação do homem da opressão, junto com a promoção dos direitos civis, da justiça nos tribunais, da integridade nos negócios e da honra no lar e nos relacionamentos familiares. Assim, os cristãos estão empenhados em sentir fome de justiça em toda a comunidade humana para agradar a um Deus justo.

Lutero expressou este conceito com o costumeiro vigor: "A ordem para você não é rastejar para um canto ou para o deserto mas, sim, sair correndo e oferecer as suas mãos e os seus pés e todo o seu corpo, e empenhar tudo o que você tem e pode fazer."<sup>62</sup> É preciso ter, ele prossegue, "uma fome e sede de justiça que jamais possam ser reprimidas, ou sustadas, ou saciadas, que não procurem nada e não se importem com nada a não ser com a realização e a manutenção do que é justo, desprezando tudo o que possa impedir a sua

<sup>91</sup> pp.68,69.

<sup>92</sup> 1Co 3:22.

<sup>93</sup> Sl 37:1,11, 22,34; cf. Is 57:13; 60:21.

<sup>94</sup> Mt 19:28, literalmente; 2 Pe 3:13; Ap 21:1.

<sup>95</sup> 2 Co 6:10.

<sup>96</sup> p. 105.

<sup>97</sup> Lc 1:53.

<sup>98</sup> Mt 6:33.

<sup>99</sup> cf. Rm 9:30-10:4.



consecução. Se você não puder tornar o mundo completamente piedoso, então faça o que você puder."<sup>100</sup>

"Talvez não exista um segredo maior no progresso da vida cristã do que um apetite sadio e robusto. As Escrituras repetem muitas vezes as promessas aos famintos. Deus "dessedentou a alma sequiosa e fartou de bens a alma faminta".<sup>101</sup> Se estamos conscientes de um crescimento lento, não será devido a um apetite embotado? Não basta chorar o pecado cometido no passado; precisamos também ter fome de justiça futura.

Mas, nesta vida, a nossa fome nunca será totalmente satisfeita, nem a nossa sede plenamente mitigada. É verdade que recebemos a satisfação que a bem-aventurança promete. Mas a nossa fome é satisfeita apenas para tornar a se manifestar. Até mesmo a promessa de Jesus, de que todo aquele que beber da água que ele dá "nunca mais terá sede", só é cumprida se continuarmos bebendo.<sup>102</sup> Cuidado com aqueles que proclamam estar satisfeitos e que olham para as experiências do passado mais do que para o desenvolvimento do futuro! Como todas as qualidades incluídas nas bem-aventuranças, a fome e a sede são características perpétuas dos discípulos de Jesus, tão perpétuas como a humildade de espírito, a mansidão e as lágrimas. Só lá no céu "jamais terão fome" e "nunca mais terão sede", pois só então Cristo, nosso Pastor, nos levará às "fontes da água da vida".<sup>103</sup>

Mais do que isso, Deus prometeu um dia de juízo, em que a justiça triunfará e a injustiça será derrotada, e após o qual haverá "novos céus e nova terra, nos quais habita justiça".<sup>104</sup> Por esta vindicação final da justiça também aspiramos e não seremos desapontados.

Voltando os olhos para trás, podemos ver que as quatro primeiras bem-aventuranças revelam uma progressão espiritual de inexorável lógica. Cada passo conduz ao seguinte e pressupõe o anterior. Começando, temos de ser "humildes de espírito", reconhecendo nossa completa e total falência espiritual diante de Deus. Depois, temos de "chorar" por causa disto, por causa dos nossos pecados, sim, por causa do nosso pecado: a corrupção de nossa natureza decaída, e o poder do pecado e da morte no mundo. Terceiro, temos de ser "mansos", humildes e gentis para com os outros, permitindo que nossa pobreza espiritual (confessada e chorada) condicione o nosso comportamento em relação a eles e também para com Deus. E, quarto, temos de ter "fome e sede de justiça". Pois de que vale confessar e lamentar o nosso pecado, ou reconhecer a verdade a nosso respeito diante de Deus e dos homens, se pararmos aí? A confissão do pecado deve levar à fome de justiça.

Na segunda metade das bem-aventuranças (as quatro últimas), parece que nos afastamos ainda mais de nossa atitude para com Deus e nos voltamos para os seres humanos. Certamente os "misericordiosos" demonstram misericórdia para com os homens, e os "pacificadores" procuram reconciliar os homens uns com os outros, e aqueles que são "perseguidos" são perseguidos por homens. Do mesmo modo, parece que a sinceridade demonstrada na "pureza do coração" também diz respeito à nossa atitude e ao nosso relacionamento com os demais seres humanos.

## 5. Os misericordiosos (v. 7)

"Misericórdia" é compaixão pelas pessoas que passam necessidade. Richard Lenski proveitosamente distinguiu-a da "graça": "O substantivo *eleos* (misericórdia) . . . sempre trata da dor, da miséria e do desespero, que são resultados do pecado; e *charis* (graça) sempre lida com o pecado e com a culpa propriamente ditos. A primeira concede alívio; a segunda, perdão; a primeira cura e ajuda, a segunda purifica e reintegra."<sup>105</sup>

Aqui, Jesus não especifica as categorias de pessoas que tinha em mente e a quem os seus discípulos deveriam demonstrar misericórdia. Não indica se está pensando principalmente naqueles que foram derrotados pela desgraça, como o viajante que ia de Jerusalém a Jericó e foi assaltado e a quem o bom samaritano "demonstrou misericórdia"; ou se pensa nos famintos, nos doentes e nos rejeitados pela sociedade, dos quais ele mesmo costumava apiedar-se; ou ainda naqueles que nos fazem mal, de modo que a Justiça clama por castigo, mas a misericórdia concede perdão. Não havia necessidade de Jesus desenvolver o assunto. Nosso Deus é um Deus misericordioso e dá provas de misericórdia continuamente; os cidadãos do seu reino também devem demonstrar misericórdia.

Naturalmente, o mundo (pelo menos quando é fiel à sua própria natureza) é cruel, como também a Igreja freqüentemente o tem sido em seu mundanismo. O mundo prefere isolar-se da dor e da calamidade dos homens. Acha que a vingança é deliciosa e que o perdão é sem graça quando comparado a ela. Mas os que demonstram misericórdia encontram misericórdia. "Felizes os que tratam os outros com misericórdia —

<sup>100</sup> p.27

<sup>101</sup> Sl 107:9.

<sup>102</sup> Jo4:13, 14; 7:37.

<sup>103</sup> Ap 7:16, 17.

<sup>104</sup> 2Pe3:13.

<sup>105</sup> p. 191.

Deus os tratará com misericórdia também! (BLH).<sup>106</sup> Não que possamos merecer a misericórdia através da misericórdia, ou o perdão através do perdão, mas porque não podemos receber a misericórdia e o perdão de Deus se não nos arrependermos, e não podemos proclamar que nos arrependemos de *ossos* pecados se não formos misericordiosos para com os pecados dos outros. Nada nos impulsiona mais ao perdão do que o maravilhoso conhecimento de que nós mesmos fomos perdoados. Nada prova mais claramente que fomos perdoados do que a nossa própria prontidão em perdoar. Perdoar e ser perdoado, demonstrar misericórdia e receber misericórdia andam indissolúvelmente juntos, como Jesus ilustrou em sua parábola do credor incompassivo.<sup>107</sup> Ou, interpretando no contexto das bem-aventuranças, "o manso" também é "o misericordioso". Pois ser manso é reconhecer diante dos outros que *nós* somos pecadores; ser misericordioso é ter compaixão pelos outros, pois *eles* também são pecadores.

## 6. Os limpos de coração (v. 8)

Fica imediatamente óbvio que as palavras "de coração" indicam a que espécie de pureza Jesus se refere, assim como as palavras "de espírito" indicam o tipo de humildade que ele tinha em mente. Os "humildes de espírito" são os espiritualmente pobres, que diferem daqueles cuja pobreza é apenas material. De quem, então, os "limpos de coração" estão sendo distinguidos?

A interpretação popular considera a pureza de coração como uma expressão de pureza interior, a qualidade daqueles que foram purificados da imundície moral, em oposição à imundície cerimonial. E temos bons antecedentes bíblicos acerca disso, especialmente nos Salmos. Sabe-se que ninguém podia subir ao monte do Senhor ou ficar no seu santo lugar se não fosse "limpo de mãos e puro de coração". Por isso Davi, consciente de que o seu Senhor desejava "a verdade no íntimo", orou: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabaljável."<sup>108</sup> Jesus adotou este tema na sua controvérsia com os fariseus e queixou-se da obsessão deles pelo exterior e pela pureza cerimonial: "Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato; mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade." Eles eram como "sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de hipocrisia e de iniquidade".<sup>109</sup>

Lutero deu a esta diferença entre a pureza interior e a exterior uma interpretação caracteristicamente natural, contrastando a pureza de coração não só com a contaminação cerimonial, mas também com a simples sujeira física. "Cristo . . . quer um coração limpo, embora exteriormente a pessoa possa estar confinada à cozinha encardida e cheia de fuligem, fazendo toda espécie de trabalho sujo."<sup>110</sup> E novamente: "Embora um trabalhador comum, um sapateiro ou um ferreiro possa estar sujo e cheio de fuligem ou mesmo cheirar mal porque está coberto de pó e piche, . . . e embora cheire mal externamente, no interior é puro incenso diante de Deus" porque, em seu coração, medita na palavra do Senhor e lhe obedece.<sup>111</sup>

Esta ênfase dada ao interior e à moral, quando comparado com o exterior e cerimonial, ou com o exterior e físico, certamente torna-se consistente com o todo do Sermão do Monte, que exige justiça de coração em lugar de simples justiça proveniente de regras. Não obstante, no contexto das outras bem-aventuranças, "pureza de coração" parece referir-se, num certo sentido, aos nossos relacionamentos. O Professor Tasker define os limpos de coração como "os íntegros, livres da tirania e um 'eu' dividido".<sup>112</sup> Neste caso, o coração limpo é o coração sincero que abre o caminho para o "olho bom" mencionado por Jesus no capítulo seguinte.<sup>113</sup>

Mais precisamente, a referência primária é à sinceridade. Já no Salmo 24, nos versículos que citamos, a pessoa "limpa de mãos e pura de coração" é aquela "que não entrega a sua alma à falsidade (*sc.* um ídolo), nem jura dolosamente" (v. 4). Isto é, em seu relacionamento com Deus e com o homem, está livre de falsidade. Portanto, os limpos de coração são os inteiramente sinceros. Toda a sua vida, pública e particular, é transparente diante de Deus e dos homens. O íntimo do seu coração, incluindo pensamentos e motivações, é puro, sem mistura de nada que seja desonesto, dissimulado ou desprezível. A hipocrisia e a fraude lhes são repugnantes, e não têm malícia.

Contudo, como são poucos os que, dentre nós, vivem uma vida aberta! Somos tentados a usar uma máscara diferente e a representar um papel diferente, de acordo com cada ocasião. Isto não é realidade, mas representação, que é a essência da hipocrisia. Algumas pessoas tecem à sua volta um tal emaranhado de

<sup>106</sup> 6:14

<sup>107</sup> Mt 18:21-35

<sup>108</sup> Sl 24:3,4; 51:6,10; cf. Sl 73:1; At 15:9; 1 Tm 1:5.

<sup>109</sup> Lc 11:39; Mt 23:25-28.

<sup>110</sup> p. 33.

<sup>111</sup> p. 50; cf. Sl 86:11, 12

<sup>112</sup> p.34.

<sup>113</sup> 6:22.

mentiras que já não conseguem mais dizer qual a parte real e qual a criada pela imaginação. Só Jesus Cristo, entre os homens, foi absolutamente limpo de coração, foi inteiramente sem malícia.

Só os limpos de coração verão a Deus (vêm-no agora com os olhos da fé e, no porvir, verão a sua glória), pois só os totalmente sinceros podem suportar a deslumbrante visão, em cuja luz as trevas da mentira têm de se desvanecer, e em cujas chamas todas as simulações são consumidas.

### 7. Os pacificadores (v. 9)

A seqüência de idéias — de "limpos de coração" para "pacificadores" — é natural, pois uma das mais freqüentes causas de conflito é a intriga, enquanto que a franqueza e a sinceridade são essenciais a todas as reconciliações verdadeiras.

Cada cristão, de acordo com esta bem-aventurança, tem de ser um pacificador, tanto na igreja como na sociedade. É verdade que Jesus diria mais tarde que não viera "trazer paz, mas espada", pois veio "causar divisões entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra", de modo que os inimigos do homem seriam "os da sua própria casa".<sup>114</sup> E com isso ele queria dizer que o conflito seria o resultado inevitável da sua vinda, até mesmo dentro da família, e que, para sermos dignos dele, teríamos de amá-lo mais e colocá-lo em primeiro lugar, até mesmo acima de nossos entes mais próximos e mais queridos.<sup>115</sup> Entretanto fica mais do que explícito, através dos ensinamentos de Jesus a seus apóstolos, que jamais deveríamos nós mesmos procurar o conflito ou ser responsáveis por ele. Pelo contrário, somos chamados para pacificar, devemos ativamente "buscar" a paz, "seguir a paz com todos" e, até onde depender de nós, "ter paz com todos os homens".<sup>116</sup>

Mas a pacificação é uma obra divina, pois paz significa reconciliação, e Deus é o autor da paz e da reconciliação. Na verdade, exatamente o mesmo verbo que foi usado nesta bem-aventurança o apóstolo Paulo aplicou ao que Deus fez através de Cristo. Através de Cristo, Deus se agradou em "reconciliar consigo mesmo todas as cousas", "havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz". E o propósito de Cristo foi "que dos dois (*sc.* judeu e gentio) criasse em si mesmo novo homem, *fazendo a paz*".<sup>117</sup> Portanto, quase não nos surpreende que a bênção particularmente associada aos pacificadores é que eles "serão chamados filhos de Deus", pois estão procurando fazer o que seu Pai fez, amando as pessoas com o amor dele, como Jesus logo tornaria explícito.<sup>118</sup> O diabo é que é agitador; Deus ama a reconciliação e, através dos seus filhos, tal como fez antes através do seu Filho unigênito, está inclinado a fazer a paz.

Isto nos faz lembrar que as palavras "paz" e "apaziguamento" não são sinônimas; e a paz de Deus não é paz a qualquer preço. Ele fez a paz conosco a um preço imenso, o preço do sangue que era a vida do seu Filho unigênito. Nós também, embora em escala menor, vamos descobrir que fazer a paz é um empreendimento custoso. Dietrich Bonhoeffer tornou-nos familiarizados com o conceito de "graça barata";<sup>119</sup> existe também um tipo de "paz barata". Proclamar "paz, paz", onde não há paz, é obra do falso profeta, não da testemunha cristã. Muitos exemplos poderiam ser dados de paz através do sofrimento. Quando nós mesmos estamos envolvidos numa disputa, ou haverá a dor do pedido de desculpas à pessoa que prejudicamos, ou a dor de repreender a pessoa que nos prejudicou. Às vezes, há a dor importuna de termos de nos recusar a perdoar a parte culpada até que esta se arrependa. É claro que uma paz barata pode ser comprada por um perdão barato. Mas a verdadeira paz e o verdadeiro perdão são tesouros caros. Deus só nos perdoa quando nos arrependemos. Jesus nos disse para fazer o mesmo: "Se teu irmão pecar contra ti, repreende-o; se ele se arrepender, perdoa-lhe."<sup>120</sup> Como podemos perdoar uma injúria se ela não foi admitida nem lastimada?

Ou, então, podemos não estar pessoalmente envolvidos numa disputa, porém lutando pela reconciliação de duas pessoas ou dois grupos que estão separados, em divergência. Neste caso, será o sofrimento de ouvir, de despir-se de preconceitos, de tentar entender com simpatia os dois pontos de vista oponentes, de arriscar-se a ser mal interpretado, de receber ingratidão, ou de até fracassar.

Outros exemplos de pacificação são o trabalho pela união e a evangelização, isto é, procurando de um lado unir igrejas e, de outro, levar pecadores a Cristo. Nos dois casos, a verdadeira reconciliação pode ser aviltada a um baixo preço. A visível união da igreja compete ao cristão buscar, mas só quando tal união não é buscada às expensas da doutrina. Jesus orou pela união do seu povo. Ele também orou que fossem guardados do mal e na verdade. Não temos nenhuma ordem de Cristo para buscarmos a união sem a pureza, pureza de doutrina e de conduta. Havendo uma coisa tal como a "união barata", também há a "evangelização barata",

<sup>114</sup> Mt 10:34-36.

<sup>115</sup> Mt 10:37.

<sup>116</sup> 1 Co 7:15; Pe 3:11; Hb 12:14; Rm 12:18.

<sup>117</sup> Cl 1:20; Ef 2:15.

<sup>118</sup> 5:44,45.

<sup>119</sup> pp. 9ss.

<sup>120</sup> Lc17:3.



isto é, a proclamação do evangelho sem o custo do discipulado, a exigência da fé sem o arrependimento. São atalhos proibidos. Transformam o evangelista em um fraudulento. Degradam o evangelho e prejudicam a causa de Cristo.

### 8. Os perseguidos por causa da justiça (vs. 10-12)

Pode parecer estranho que Jesus passasse dos pacificadores para a perseguição, da obra de reconciliação à experiência de hostilidade. Mas, por mais que nos esforcemos em fazer a paz com determinadas pessoas, elas se recusam a viver em paz conosco. Nem todas as tentativas de reconciliação têm sucesso. Na verdade, alguns tomam a iniciativa de opor-se a nós e, particularmente, de nos injuriar e perseguir. Não por causa de nossas fraquezas ou idiossincrasias, mas "por causa da justiça" (v. 10) e "por minha causa" (v. 11), isto é, porque não gostam da justiça, da qual sentimos fome e sede (v. 6), e porque rejeitaram o Cristo que procuramos seguir. A perseguição é simplesmente o conflito entre dois sistemas de valores irreconciliáveis.

Como Jesus esperava que os seus discípulos reagissem diante da perseguição? O versículo 12 diz: *Regozijai-vos e exultai!* Não devemos nos vingar como o incrédulo, nem ficar de mau humor como uma criança, nem lamber nossas feridas em autopiedade como um cão, nem simplesmente sorrir e suportar tudo como um estóico, e muito menos fazer de conta que gostamos disso como um masoquista. Então, como agir? Devemos nos regozijar como um cristão, e até mesmo "pular de alegria"<sup>121</sup> Por quê? Em parte porque, Jesus acrescentou, *é grande o vosso galardão nos céus* (y. 12a). Podemos perder tudo aqui na terra, mas herdaremos tudo nos céus, não como uma recompensa meritória, mas porque "a promessa da recompensa é gratuita".<sup>122</sup> E, por outro lado, porque a perseguição é um sinal de genuinidade, um certificado da autenticidade cristã, *pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós* (v. 12b). Se somos perseguidos hoje, pertencemos a uma nobre sucessão. Mas o motivo principal pelo qual deveríamos nos regozijar é porque estamos sofrendo, disse ele, *por minha causa* (v. 11), por causa de nossa lealdade para com ele e para com os seus padrões de verdade e de justiça. Certamente os apóstolos aprenderam esta lição muito bem, pois, tendo sido açoitados pelo Sinédrio, "eles se retiraram . . . regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome".<sup>123</sup> Eles sabiam, assim como nós devemos saber, que "ferimentos e contusões são medalhas de honra"<sup>124</sup>

É importante notar que esta referência à perseguição é uma bem-aventurança como as demais. Na verdade, tem o privilégio de ser uma bem-aventurança dupla, pois Jesus primeiro declarou-a na terceira pessoa como as outras sete (*Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça*, v. 10) e, então, repetiu-a na oração direta da segunda pessoa (*Bem-aventurados sois quando . . . vos injuriarem e vos perseguirem . . .*, v. 11). Considerando que todas as bem-aventuranças descrevem o que cada discípulo cristão deve ser, concluímos que a condição de ser desprezado e rejeitado, injuriado e perseguido, é um sinal do discipulado cristão, da mesma forma que um coração puro ou misericordioso. Cada cristão deve ser um pacificador, e cada cristão deve esperar oposição. Aqueles que têm fome de justiça sofrerão por causa da justiça que anseiam. Jesus disse que seria assim em qualquer lugar. Também o disseram seus apóstolos Pedro e Paulo.<sup>125</sup> Tem sido assim em todas as épocas. Não deveremos nos surpreender se a hostilidade anticristã aumentar, mas, antes, se ela não existir. Precisamos nos lembrar do infortúnio complementar registrado por Lucas: "Ai de vós, quando vos louvarem!"<sup>126</sup> A popularidade universal está para os falsos profetas, assim como a perseguição para os verdadeiros. Poucos homens deste século têm entendido melhor a inevitabilidade do sofrimento do que Dietrich Bonhoeffer. Ele parece nunca ter vacilado em seu antagonismo cristão contra o regime nazista, embora isto significasse prisão, ameaça de tortura,

perigo para a sua própria família e, finalmente, morte. Ele foi executado por ordem direta de Heinrich Himmler, em abril de 1945, no campo de concentração de Flossenbürg, a apenas poucos dias antes da libertação. Era o cumprimento do que ele sempre crera e ensinara: O sofrimento é, pois, a característica dos seguidores de Cristo. O discípulo não está acima do seu mestre. O discipulado é "passio passiva", é

<sup>121</sup> Lc6:23.

<sup>122</sup> Calvino, p. 267

<sup>123</sup> At5:41.

<sup>124</sup> Lenski, p. 197.

<sup>125</sup> Por exemplo Jo 15:18-25; 1 Pe4:13,14; At 14:22; 2 Tm 3:12.

<sup>126</sup> Lc6:26.